

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**CRISTIANA ANA LIMA**

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
UM ESTUDO DE CASO EM DUAS INSTITUIÇÕES DE CARIACICA - ES**

**SÃO MATEUS-ES**

**2022**

CRISTIANA ANA LIMA

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
UM ESTUDO DE CASO EM DUAS INSTITUIÇÕES DE CARIACICA - ES

Dissertação apresentada ao Centro Universitário Vale do Cricaré como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia junto ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

L732p

Lima, Cristiana Ana.

As práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso em duas instituições de Cariacica - ES / Cristiana Ana Lima – São Mateus - ES, 2022.

120 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2022.

Orientação: prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes.

1. Desafios. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 3. Demandas. 4. Cidadania. 5. Cariacica - ES. I. Nunes, Marcus Antonius da Costa. II. Título.

CDD: 374.012

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

# CRISTIANA ANA LIMA

## AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO EM DUAS INSTITUIÇÕES EM CARIACICA - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 20 de dezembro de 2022.

### COMISSÃO EXAMINADORA

MARCUS ANTONIUS DA COSTA NUNES:55754732791  
Assinado de forma digital por  
MARCUS ANTONIUS DA  
COSTA NUNES:55754732791  
Dados: 2022.12.22 11:25:02  
-03'00'

---

**Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes**  
Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)  
Orientador (a)

LUANA FRIGULHA GUISSO:09877618702  
Assinado de forma digital por  
LUANA FRIGULHA  
GUISSO:09877618702  
Dados: 2022.12.22 11:25:22 -03'00'

---

**Dra. Luana Frigulha Guisso**  
Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)

Documento assinado digitalmente  
 TAISA SHIMOSAKAI DE LIRA  
Data: 22/12/2022 15:55:20 -0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

**Dr. Taisa Shimosakai de Lira**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela direção na escolha profissional.

Aos mestres, que compartilharam conosco seus conhecimentos nos orientando durante nosso trajeto para a formação de Mestre em Educação.

À minha mãe (*in memoriam*) mulher guerreira que me ensinou tudo sobre o AMOR que me instigou as maiores virtudes.

Ao meu pai (deficiente visual de nascença), o homem mais inteligente que já conheci, que me desafiou de forma bruta, e que hoje eu o agradeço imensamente, pois foi assim que me tornei forte e resiliente.

Aos filhos Thalles José, Thamyres Christina, Thalysson Orias e Matheus Guilherme que sempre me emprestaram os “olhos” lendo e digitando para mim, pois sou baixa visão, compreenderam a minha ausência, acolheram-me na doença e são meus amigos inseparáveis desta linda viagem chamada VIDA!

Ao meu namorado pela paciência e atenção. Obrigada por sempre me enaltecer.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes que me acompanhou e apoiou nas minhas decisões.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luana Frigulha Guisso pela dedicação, paciência, orientações e buscas incessantes na construção do nosso projeto, desde o início até a aprovação.

Às minhas amigas Laís e Luciene que sempre estiveram ao meu lado, acreditando em nossas escolhas.

Às amigas conquistadas na turma do mestrado que levarei para a vida que são: Priscila e Charlene. Duas pessoas humanas, sensíveis e incríveis, dignas dos meus elogios.

A toda equipe das duas escolas que nos acolheu com carinho, amor abrindo os caminhos facilitando assim nossa pesquisa e nos oportunizando momento ímpar.

Aos professores (as), às pedagogas e alunos (as) que se constituíram sujeitos desta investigação.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este estudo pretendeu lidar com algumas lacunas em torno das práticas pedagógicas vivenciadas por professores e alunos no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Acredita-se que tais considerações sejam de suma importância para a discussão e investigação da determinada modalidade, na busca por responder ao seguinte questionamento: Como ocorre a prática pedagógica de alfabetização de jovens e adultos em duas instituições municipais, no município de Cariacica, no Espírito Santo? Assim, a referida pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, constituindo-se uma pesquisa-ação por promover uma interação do pesquisador com o grupo investigado, a partir da observação participante, cujo objetivo consistiu em analisar as práticas do planejamento e os materiais didáticos utilizados durante o período em que o aluno da EJA está inserido na respectiva formação, para buscar, assim, uma ressignificação das práticas pedagógicas e proporcionar novas possibilidades ao educando. Para tanto, como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário com perguntas semiestruturadas, tomando como sujeitos participantes do estudo os professores, pedagogos e alunos da EJA nas escolas selecionadas como *lócus* da pesquisa. Através da pesquisa bibliográfica apresentada, percebeu-se que as práticas pedagógicas adotadas pela EJA são trabalhadas de forma multidisciplinar aos conteúdos, porém de forma limitada no que diz respeito à diversidade de instrumentos que possam proporcionar um melhor acesso do aluno ao conhecimento, tais como: livros com textos mais regionais que retratem a realidade do homem no campo, sala de vídeo para tornar as aulas mais interessantes e uma maior diversidade de livros para pesquisa na biblioteca, entre outros.

**Palavras-chave:** Desafios; Educação de Jovens e Adultos; Demandas; Cidadania.



## ABSTRACT

This study intended to deal with some gaps around the pedagogical practices experienced by teachers and students with regard to Youth and Adult Education (EJA). It is believed that such considerations are of paramount importance for the discussion and investigation as a particular modality, in the search to answer the following question: How does the pedagogical practice of literacy for young people and adults occur in two municipal institutions, in the municipality of Cariacica, in Espírito Santo? Thus, this research took a qualitative approach, constituting an action research by promoting an interaction between the researcher and the investigated group, based on participant observation, whose objective was to analyze the planning practices and the didactic materials used during the period in which the EJA student is inserted in the respective formation, in order to seek, thus, a resignification of the pedagogical practices and provide new possibilities to the student. For this purpose, a questionnaire with semi-structured questions was applied as a data collection instrument, taking teachers, pedagogues and EJA students in the schools selected as the research locus as participants in the study. Through the bibliographic research presented, it was noticed that the pedagogical practices adopted by the EJA are worked in a multidisciplinary way to the contents, but in a limited way with regard to the diversity of instruments that can provide a better access of the student to the knowledge, such as: books with more regional texts that portray the reality of man in the countryside, video room to make classes more interesting and a greater diversity of books for research in the library, among others.

**Keywords:** Challenges; Youth and Adult Education; Requirements; Citizenship.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	21
2.1 REVISÃO DE LITERATURA .....	21
2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
<b>2.2.1 Marco Teórico e Recorte Temporal da Educação de Jovens e Adultos - EJA</b> .....	26
<b>2.2.2 Aspectos Históricos, Políticos e Sociais da Educação de Jovens e Adultos - EJA</b> .....	31
<b>2.2.3 EJA e o Capitalismo: Necessidades que Surgem com o Mercantilismo</b> ...	33
<b>2.2.4 Globalização e Modernidade Líquida dentro da Educação Sistematizada</b>	37
<b>2.2.5 Processos de Aquisição de Leitura e Escrita na Educação de Jovens e Adultos</b> .....	41
<b>2.2.6 Lendo Através de Novos Paradigmas</b> .....	44
<b>2.2.7 As Diferentes Formas de Intervenções Pedagógicas</b> .....	46
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	48
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	49
3.2 LOCAL DA PESQUISA .....	49
3.3 PRODUÇÃO DOS DADOS .....	49
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	56
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	53
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	53
4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS DESAFIOS ENTRE O REAL E O IDEAL....	58
4.3 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÕES: VÁRIAS FORMAS DE ALAVANCAR A EJA .....	60
4.4 EDUCAÇÃO CRISTALIZADA E ENGESSADA: PROFISSIONAIS QUE LUTAM PELAS RUPTURAS .....	63
4.5 ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) .....	65
4.6 A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DIRETAMENTE NAS ESCOLHAS DOS CONTEÚDOS E SUAS RELEVÂNCIAS .....	69
4.7 POR UMA EJA COM DIGNIDADE E RESPEITO PELAS DIVERSIDADES .....	70
4.8 PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EJA.....	76
<b>5 PRODUTO FINAL</b> .....	79

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	94
APÊNDICE B – PARECER COM APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA .....	97
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS PROFESSORES .....	98
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO VOLTADOS AOS PEDAGOGOS.....	100
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO COM OS ALUNOS.....	102
APÊNDICE F – PRODUTO FINAL.....	104

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar em Educação de Jovens e Adultos (EJA) remete a cogitar um público diverso e com interesses variados. Inicialmente, entende-se que se trata de uma necessidade de parte da classe trabalhadora de se empoderar com competências essenciais para o exercício da cidadania e práticas sociais, ao qual se considera essencial, para tanto desenvolver habilidades como ler e escrever nas diversas possibilidades de discursos, além de operações matemáticas e conhecimentos considerados básicos no processo de alfabetização.

Diante das transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que são características do mundo contemporâneo, surge uma constante necessidade de atualização e qualificação dos indivíduos. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos tornou-se necessária para oportunizar aos indivíduos que não tiveram acesso à escola na idade própria o resgate de seus estudos e a aprendizagem no sentido de exercer com consciência seu papel como ser pensante numa sociedade democrática.

Nesse contexto, compreende-se o ato de ensinar como uma tarefa complexa, o que gera grande labuta por parte dos profissionais da área de educação para que seja feito um trabalho que tenha resultados significativos e eficazes. Tendo em vista que essa modalidade traz consigo as especificidades que caracterizam o público-alvo atendido, como pessoas com histórico de vida variado, que influenciam diretamente na forma como esse sujeito se relaciona com a educação.

A EJA tem sido desafiadora para muitos professores que atuam na área, demandando uma *práxis* própria, de modo que as experiências e todo um conhecimento do aluno devem ser considerado pelo professor. Exige do professor, mais que conteúdo, mas toda uma didática específica voltada aos alunos que são atendidos, sendo necessário ter uma sensibilidade a mais que permita ao docente proporcionar uma educação realmente significativa, diante da cultura inerente a certa diferenciação etária, étnica, socioeconômica, de gênero, além de buscar a construção de uma posição reflexiva acerca dos processos que este indivíduo está envolvido.

Contudo, é necessário que, para que a prática docente na EJA tenha significado, exista certa sensibilização de que uma unidade de ensino não é apenas um lugar de reprodução de conhecimento acumulado pela sociedade, contudo um

ambiente onde há encorajamento para exercitar a cidadania e construção de saberes por parte da comunidade escolar. Além disso, o processo de ensino que se propõe como formador de cidadãos críticos deve oportunizar o exercício da crítica e instrumentalizar seus participantes com competências que permitam a atuação cidadã nos espaços que percorrem. Para isso, entende-se como fundamental a reflexão e discussão acerca da EJA, suas possibilidades, práticas e demandas, contribuindo para a compreensão dos sujeitos envolvidos nesse processo, e como é formada historicamente esta modalidade de ensino.

Diante dessa perspectiva, são minhas experiências enquanto educanda e educadora que me trazem até aqui. Assim como para tantas pessoas, a EJA surgiu como uma oportunidade. Impedida de estudar na infância, enfrentei grandes obstáculos para ter acesso à educação, com sete anos consegui alcançar a alfabetização ao ir escondida para a escola, utilizando papel de pão como material escolar. Para meu pai, era mais importante que eu aprendesse a ser dona de casa, mas meu objetivo era ir além, fazendo do estudo um objetivo de vida.

Meu histórico de vida me impediu, em vários momentos, de alcançar meu sonho, pois desde cedo precisei trabalhar para ajudar no sustento da família. Mesmo com o passar dos anos, não desisti do que havia estabelecido como meta, porém como já precisava assumir responsabilidades, o tempo para os estudos nas turmas regulares era quase impossível. E foi assim que, aos 16 anos, a EJA surgiu na minha vida, possibilitando-me concluir nessa modalidade o antigo segundo grau.

Embora já me sentisse honrada com tal conquista, a graduação se tornou meu novo objetivo a ser alcançado, ao qual tive acesso em 2002, iniciando o tão sonhado curso superior em Pedagogia. Agora, no papel de educadora, passei a compreender o processo educativo a partir de um novo olhar.

Enquanto docente, tive meu primeiro contato com a EJA em 2011, onde me vi diante de tantos desafios e da necessidade de buscar estratégias para garantir aos meus alunos a oportunidade de aprender. Passei a acompanhar de perto, adolescentes e jovens que buscavam reintegração social, com histórias de vida que envolviam questões sociais e, mesmo sem esperanças, poderiam ter na educação a oportunidade para mudar sua realidade.

Ao ingressar no curso de mestrado, a partir de convivências profissionais e trocas de conhecimentos com os demais envolvidos na atuação da EJA, surgiu o interesse de pesquisar com mais afinco esse universo e assim produzir esta

pesquisa, a partir da compreensão de que se trata de uma modalidade que merece atenção.

Desenvolver uma metodologia de ensino que favoreça a mediação do conhecimento, portanto, é um fator importante neste processo, pois o professor precisa analisar as necessidades existentes e, com base nos resultados desta análise, estudar a melhor forma de fazer com que o aluno consiga relacionar o seu estudo ao seu dia a dia. Porém, o fato de se subestimarem faz com que todas as conquistas e avanços no aprendizado, por menores que sejam, se apresentem como grandes vitórias e servem de impulso para prosseguirem.

A EJA se apresenta num cenário de intensas transformações socioculturais, já que estamos falando de uma modalidade de ensino que inclui pessoas que foram excluídas do processo educacional escolar, sendo a maioria pessoas advindas da classe trabalhadora. Participar da EJA é voltar e construir novas possibilidades de socialização, construção de valores e desenvolvimento de competências. Essa situação é causa e consequência de práticas que se desenvolvem nos mais variados espaços de interação e consolidação dos nossos valores: igrejas, movimentos sociais, trabalho e demais instituições sociais, sejam de rotinas cotidianas ou intermitentes. Entendemos que o ser humano é um ser social, estando diretamente ligado aos mais diversos processos sociais e sendo afetado por estes. Diante disso, Freire (1979, p. 8) destaca:

Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir.

Assim, compreendemos que de nada adianta impor conteúdos se os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos não tiverem consciência do alcance e da importância dos direitos e dos deveres dos envolvidos no processo e da tomada de consciência destes por parte dos alunos. A EJA, portanto, não consiste somente em conteúdo, mas no reconhecimento de certos valores, experiência e competências, assim como pressupõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018).

As aflições e as dificuldades são inúmeras quando nos referimos à EJA, pois entendemos que se trata de uma educação que requer um olhar diferenciado, porque não se refere ao ensino regular de formulação gradativa, mas sim de ensino por etapas<sup>1</sup> que se desdobram (1ª a 4ª etapa do 1º segmento, 5ª a 8ª etapa do 2º segmento e ensino médio). E quem vai para a sala de aula tem pressa em aprender, pois muitas vezes, mais que sua inserção no mercado de trabalho, será a manutenção da sua presença neste que dependerá exclusivamente da referida formação escolar.

Segundo o Ministério de Educação e Cultura (MEC):

Os homens, mulheres, jovens, adultos, ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixos poder aquisitivo, que consomem, de modo em geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com família ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação. Quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior à sua (BRASIL, 2006, p. 18).

Acrescenta ainda que “a compreensão dessa realidade levou Paulo Freire, ainda nos anos de 1960, a reconhecer o analfabetismo como uma questão não só pedagógica, mas também social e política” (idem). Em consonância com tal afirmativa de Paulo Freire, entendemos que a educação surge para as classes mais pobres como um mecanismo de transformação da sociedade “geradora da pobreza”, constituindo-se uma ferramenta capaz de modificar a realidade por meio de novas oportunidades.

Corroborando com o que afirma o texto oficial do MEC acerca das nossas preocupações com a educação, Jonthien (1990, p. 1) enfatiza que:

---

<sup>1</sup> A Resolução CNE/CEB 01/2021, estabelece novas diretrizes operacionais para a EJA, definindo que:

Art. 3º A EJA é organizada em regime semestral ou modular, em segmentos e etapas, com a possibilidade de flexibilização do tempo para cumprimento da carga horária exigida, sendo que para cada segmento, há uma correspondência nas etapas da Educação Básica e carga horária específica: I – para os anos iniciais do Ensino Fundamental, que tem como objetivo a alfabetização inicial e uma qualificação profissional inicial, a carga horária será definida pelos sistemas de ensino, devendo assegurar pelo menos 150 (cento e cinquenta) horas para contemplar os componentes essenciais da alfabetização e 150 (cento e cinquenta) horas para o ensino de noções básicas de matemática;

II – para os anos finais do Ensino Fundamental, que tem como objetivo o fortalecimento da integração da formação geral com a formação profissional, carga horária total mínima será de 1.600 (mil e seiscentas) horas; e

III – para o Ensino médio, que tem como objetivo uma formação geral básica e profissional mais consolidada, seja com a oferta integrada com uma qualificação profissional ou mesmo com um curso técnico de nível médio, carga horária total mínima será de 1.200 (mil e duzentas) horas.

Mais de 960 milhões de adultos – dois terços dos quais mulheres – são analfabetos, e o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados ou em desenvolvimento; mais de um terço dos adultos no mundo não têm acesso ao conhecimento impresso, às novas habilidades e tecnologias que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e cultural.

Além disso, Durante (1998, p. 21), também discorre acerca no tema, onde explica que “os adultos não apresentam os níveis primitivos de concepção do sistema da escrita como as crianças (utilizar-se de desenhos para produzir escrita ou criar outras letras que não são usadas convencionalmente etc.)”.

Atualmente, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos desafia cada vez mais a complexidade do viver em sociedade, ou seja, a inclusão social daqueles que não concluíram seus estudos na época adequada. Haja vista a vasta avalanche técnica e tecnológica, que acaba por consolidar uma grande quantidade de cidadãos sem capacidade de interpretar e produzir textos em diversas modalidades, sendo apenas de forma rudimentar.

Faz-se necessário, nessa ótica, caracterizar a prática pedagógica, levando-se em conta as diversidades e variantes, tem sido tema de reflexão nos últimos anos. Entre tantas questões e polêmicas a serem investigadas na educação, a aprendizagem ou as "dificuldades de aprendizagens" propriamente ditas merecem destaque nos estudos e investigações por parte de estudiosos.

Nossas sociedades estão mudando. Uma transformação não planejada que de certa forma afeta o modo como estamos organizados, como trabalhamos, como são as nossas relações e as aprendizagens. Segundo Carlos Marcelo (2002), essas mudanças têm um reflexo visível na escola como instituição encarregada de formar novos cidadãos.

Tais mudanças que afetam a sociedade afetam a identidade profissional de alguma forma, pois faz-se necessário uma reflexão contínua pertinente a todos os aspectos que envolvem a profissão docente. Os professores exercem um papel importante na formação dos alunos, inclusive em função das suas possibilidades de aprendizagem. Tais profissionais necessitam de atenção, pois são eles que auxiliam na melhoria da qualidade de ensino que os alunos recebem.

A esse respeito, Freire (1996, p. 23 grifos do autor) destaca:

[...] Não há docência sem discência, as duas se explicam. Sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao



aprender. Quem 'ensina, ensina alguma coisa a alguém'.

Este estudo, portanto, vai de encontro com as práticas pedagógicas para o professor/aluno, como uma das questões que provoca a educação brasileira e em especial a EJA. Pensando nesta evolução educacional em larga escala, fugindo de uma educação engessada e cristalizada, esta investigação se delineou com a seguinte problemática: Como ocorre a prática pedagógica de alfabetização de jovens e adultos em duas instituições municipais, no município de Cariacica, no Espírito Santo?

Diante deste panorama inicial acerca da aprendizagem na idade adulta, esta pesquisa refletiu por meio do planejamento de situações didáticas para a ressignificação da prática do educador sobre educando, visando novas possibilidades de aprendizagem através do aproveitamento do contexto do educando, possibilitando, com isso, seu desenvolvimento pessoal, social e cultural, pois se percebe a importância do professor no sentido de transformar o espaço formativo numa oportunidade de desenvolver valores que garantam a qualidade do ensino, o crescimento pessoal e profissional tanto do educador quanto do aluno.

Assim, este estudo objetivou compreender como se dá a prática pedagógica de alfabetização de jovens e adultos em duas instituições municipais, no município de Cariacica, no Espírito Santo.

Como objetivos específicos, elencamos: identificar quais os desafios vivenciados pelas escolas no que se refere à modalidade Educação de Jovens e Adultos; identificar os desafios diários dos educandos da modalidade Educação de Jovens e Adultos; verificar quais metodologias são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos; produzir um guia prático com sugestões para professores e orientações de planejamento, que contemplem a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, utilizando palavras geradoras como umas das ferramentas pedagógicas auxiliares no processo de ensino e aprendizagem na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Para uma educação de qualidade se faz necessário atrelar a teoria com a prática, pois ambas não se eximem, sendo o ensino uma *práxis*, a hipótese levantada por esta pesquisa é que a formação continuada do professor pode favorecer ao educando uma qualificação e desenvoltura aprimorada, pois o

educador será bem preparado para atuar em sua área.

Os caminhos estão sendo na tentativa de desenvolver esta pesquisa como um estudo de caso, assim, na possibilidade de conciliar uma análise em que poderão ser partilhados conhecimentos, promovendo condições para desenvolver e transformar situações dentro do ambiente escolar. Para isso, optamos por utilizar como instrumento de coleta de dados a aplicação do questionário semiestruturado aos professores, pedagogos e alunos, sendo eles seis professores (três de cada escola), a pedagoga de cada escola e dez alunos (cinco de cada escola).

Com o intuito de aprofundar tais questões buscamos um diálogo com pesquisadores que abordam acerca das desmazelas robotizadas que é a formação dos professores, junto à idealização dos alunos seriam os mais apropriados para tais demandas educativas. São eles: Piletti (1997), Arroyo (1992; 2001), Pinto (2000), Scuzatto (2004), Caporalini (1991), Libâneo (2001; 2004), Pimenta (1999), Gadotti e Romão (2000; 2002), Freire (vários), entre outros.

Piletti (1997) defende a ideia da interação de forma ampla entre educadores e educando, onde a reflexão e a liberdade de expressão são pilares para rupturas de paradigmas.

Arroyo (2001) explicita as ideias de formação para os educadores, enfatiza o perfil profissional da EJA e, sobretudo, a importância de conhecedor das leis que regem a educação e a apropriação de autonomia intelectual.

Pinto (2000) apresentou uma educação inovadora e crítica, ampliando os horizontes, fugindo, assim, do modelo tradicional e agregando novos valores educacionais, para ele a educação é um fator existencial e não pode ser vista como engessada e nem cristalizada.

Scuzatto (2004) aborda a importância de o professor ter o domínio da afetividade, pois isso torna o espaço mais harmonioso e contagioso, facilitando assim uma aprendizagem significativa.

Libâneo (2001) faz inferências às novas possibilidades tecnológicas, as formas de ver o mundo atual com os avanços diários que norteiam. Ele fala da necessidade de se desalienar e se apropriar de uma educação sistematizada, haja vista que se faz necessário uma educação igualitária, sem divisão de classes sociais.

Pimenta (1999) traz a abordagem da importância da formação continuada, dos saberes necessários, da necessidade gritante das condições de trabalho e como

isso implica nas rupturas de paradigmas no que tange à vida profissional do docente.

Gadotti e Romão (2000) abordam as mazelas, os entraves, as inquietudes, a injustiça social e o preconceito latente, que coloca os jovens e adultos à margem do conhecimento sistematizado, discorrendo acerca da regulação do ensino da EJA e a importância do estudo para essa sociedade suprimida. Vivemos novos modelos de realidades e as escolas devem estar preparadas para atuar diante destas mudanças.

Freire (vários) se tornou referência na EJA por ser um estudioso que buscou mostrar ao mundo que nunca é tarde para aprender. Ele escreveu várias obras científicas sobre este tema, dando voz aos menos abastados de conhecimentos sistematizado. Segundo o autor, a educação é considerada a base para o desenvolvimento de qualquer nação e, no Brasil, da mesma forma, espera-se muito da educação, no sentido de resolver (ou ao menos minimizar) vários problemas sociais. Contudo, Freire explica que a educação não deve ser pensada apenas como o processo que ocorre nas instituições, mas que acontece em quaisquer ambientes sociais. Além disso, este educador revolucionou ao provocar os docentes para um novo olhar para a EJA.

Assim, esta dissertação foi dividida em seis capítulos, sendo a introdução, com as considerações iniciais e a contextualização da temática, aproximando minhas experiências acadêmicas e profissionais ao estudo realizado, bem como a justificativa e objetivos.

O segundo capítulo abordou o referencial teórico, contendo inicialmente uma revisão de literatura a partir de produções localizadas no banco de dissertações e teses da Capes, que discorreram acerca da temática da Educação de Jovens e Adultos. Em seguida, como fundamentação teórica da pesquisa, o capítulo é subdividido em cinco subseções, sendo elas:

- Marco teórico e recorte temporal da EJA, estabelecendo um diálogo entre as ideias de teóricos que dissertam sobre a temática.
- Aspectos históricos, políticos e sociais da Educação de Jovens e Adultos, com dados referentes à evolução histórica da EJA no país, no que concerne à criação de políticas públicas e abordagens legais acerca dessa modalidade da educação;

- Educação e educações: A multiplicidade de sujeitos da EJA, identificando, à luz da literatura, quem são os sujeitos da EJA e como as vivências dessas pessoas influenciam no processo de ensino e aprendizagem;
- A alfabetização na EJA na perspectiva de Paulo Freire, discorrendo acerca do processo de alfabetização nessa modalidade, a partir das considerações de Paulo Freire, bem como apresentando os desafios e possibilidades de práticas;
- O professor enquanto mediador do processo de aprendizagem na EJA, discutindo sobre a importância da prática pedagógica que considere as especificidades dos educandos e que privilegie as aprendizagens e vivências desses sujeitos durante o planejamento de ações que auxiliem a construção do conhecimento de modo significativo.

O terceiro capítulo apresentou a metodologia detalhada adotada para realização do estudo, indicando o *lôcus*, sujeitos, abordagem, instrumentos de coleta de dados e tipo da pesquisa, procedimentos de tratamento de dados, bem como a proposta de produto educacional e demais aspectos metodológicos envolvidos durante o processo.

O quarto capítulo versou a análise e discussão dos resultados, expondo os dados obtidos por meio de ilustrações, bem como as reflexões acerca das informações levantadas, realizando um diálogo com outros pesquisadores e escritores que debruçam seus estudos sobre a temática da EJA. Além disso, esperamos contrastar os dados e observações realizadas entre as duas instituições, observando paridades e divergências nas percepções dos profissionais e educandos envolvidos.

No quinto capítulo tratamos sobre o produto educacional de forma detalhada, apresentando a descrição do mesmo, o público a que se destina, seu conteúdo, bem como a contextualização da proposta e os objetivos levantados e o resultado da produção.

Por fim, realizamos as considerações finais acerca das observações realizadas e dos conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa realizada, buscando refletir sobre o estudo e as possibilidades de contribuições a partir dele.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Considerando a importância de realizar um levantamento dos principais estudos realizados sobre a temática que nos propomos a pesquisar, a alfabetização de jovens e adultos, optamos por recorrer ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, tomando como referência o período compreendido entre os anos de 2015 a 2022.

Após realizar uma análise dos materiais disponíveis, foram selecionadas quatro produções que vão de encontro ao que esperamos desenvolver nessa pesquisa e, utilizando tal aspecto como critério, tais materiais poderiam contribuir na compreensão do tema produzido pela comunidade acadêmica. Nos apropriamos, assim, das dissertações “Vozes noturnas: as produções de textos orais nas turmas da EJA”, de Rios (2021); “O ensino da leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA): análise de material didático”, de Costa (2022); “Multiletramento e produção de material didático integrado de língua portuguesa na EJA”, de Silva (2017) e; “Uma compreensão sobre a presença de estudantes jovens na EJA do município de Vitória/ES”, Zorzal (2015), conforme listadas no quadro a seguir:

**QUADRO 1 - Publicações selecionadas para revisão de literatura**

AUTOR/ANO	TÍTULO	TIPO
RIOS, Antônio Marlon Matos (2021)	VOZES NOTURNAS: AS PRODUÇÕES DE TEXTOS ORAIS NAS TURMAS DA EJA	Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) <b>Instituição de Ensino:</b> Universidade do Estado da Bahia
RIOS, Antônio Marlon Matos (2021)	O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO	Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) <b>Instituição de Ensino:</b> Universidade Federal de Pernambuco
SILVA, Elisângela Teles da (2017)	MULTILETRAMENTO E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO INTEGRADO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA	Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) <b>Instituição de Ensino:</b> Universidade Estadual de Santa Cruz
ZORZAL, Eliane Saiter (2015)	UMA COMPREENSÃO SOBRE A PRESENÇA DE ESTUDANTES JOVENS NA EJA DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA/ES	Dissertação (Mestrado em Educação) Instituição de Ensino: <b>Universidade Federal do Espírito Santo</b>

Fonte: Autoria própria, 2022.

A educação formal tem tido muita atenção nas pesquisas realizadas pelos estudiosos da educação desde a concepção das universidades brasileiras, mas apenas em seu formato padrão, estando as modalidades variantes, como EJA, educação do campo, ensino itinerante, ensino para pessoas em liberdade condicional, etc. sempre sendo de certa forma, relegado como objeto de estudo. Assim sendo, como modalidade já era ignorada, suas práticas e metodologias ainda mais. Porém, de 2010 em diante, vemos um maior interesse de professores e pesquisadores ampliarem a noção acerca da EJA, fazendo com que essa modalidade ganhasse cada vez mais atenção, sendo tratada como espaço importante no letramento de muitos adultos.

Agora, vemos um fecundo material ser produzido acerca de metodologias de ensino, como temas da BNCC (2018) devem ser trabalhados, além de relatos de experiências de professores dessa modalidade. Com novas demandas de pesquisa acerca da educação e de nossa sociedade, vemos pesquisas se indagarem:

Por compreender que a oralidade é um aspecto importante da textualidade que permeia sobremaneira nosso cotidiano, esta investigação propõe focalizar a temática “oralidade na Educação de Jovens e Adultos” com a finalidade de problematizar proposições para a realização da produção de textos orais norteados pela questão: Como se dão as práticas de oralidade na sala da EJA de uma escola pública no Tempo Formativo III–Eixo VI? (RIOS, 2021 p.?).

Rios (2021), em seu primeiro capítulo, fala sobre como a possibilidade de criar discursos é uma forma de poder e, logo, entendemos que alfabetizar estudantes da EJA é uma forma de empoderá-los, considerando que “poder é sempre necessário nas mãos dos que foram relegados ao descaso histórico”. Partindo disso, o autor se preocupa sobre “como se dá a produção de textos orais na Educação de Jovens e Adultos na sala de aula [...]”. Sua jornada de pesquisa e escrita foi embasada em teóricos que discorrem acerca da educação e formação de professores da EJA, como Paulo Freire e Arroyo, além de teóricos que discutem acerca da oralidade, como Schneuwlyz, além de Dols e Ingedore Koch e Bakhtin no que se refere aos estudos acerca da linguística e gênero textual.

O respectivo autor se preocupa com a manutenção da estrutura de ensino, já que segundo ele é perceptível o descaso com a EJA pelo atual governo. Sendo a EJA uma modalidade voltada justamente para os mais espoliados de nossa sociedade, ele destaca também os baixos investimentos do Estado na EJA e

defende-a como modalidade onde a resistência é essencial, que precisa garantir direitos a quem não teve acesso por completo. Partindo dessa emergência acerca da defesa da EJA, Rios também acredita ser necessário repensar na prática e pensar em mudanças curriculares, metodológicas, ideológicas e quais forem preciso para contribuir com o processo de desenvolver competências e habilidades linguísticas, que são essenciais em nossa sociedade.

Rios (2021) enfoca em seu projeto o trabalho docente e a oralidade e, principalmente, sua produção no espaço da sala de aula, preocupando-se com a construção de competências comunicativas dos alunos, sendo essas competências objetivos presentes na BNCC, e que os professores da escola em que realizou a pesquisa apresentam em seus discursos.

Com o avanço de pesquisas e maior interesse para aperfeiçoar as práticas da EJA, o próprio material didático começa a ser observado e analisado por pesquisadores, já que se trata de um material utilizado pela EJA que possui diversas especificidades, sendo de interesse pensarmos se atendem ou não a demanda de ensino feita pela modalidade.

A realidade educacional contemporânea exige do professor um olhar metodológico não restrito ao verbal, que inclua uma visão multiletrada do ensino-aprendizagem, a fim de contribuir com a competência comunicativa do aluno. Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com suas peculiaridades fazem parte deste contexto e merecem serem integrados a esta pedagogia (SILVA, 2017, p. 5).

A formação de leitores é urgente nas demandas feitas pelos estudantes, principalmente, pelo constrangimento que muitos passam em meio a situações em que a leitura ou escrita são necessárias ou por impossibilitar certas socializações. Diante deste contexto, Costa (2022) versa que a leitura é de suma importância para que o aluno tenha autonomia, caso contrário terá uma desvantagem abissal em relação aos que conseguiram.

Além disso, entender que corpos permeiam esse espaço é um movimento interessante, podemos perceber como certas marcações sociais afetam as possibilidades de escolaridade de alguns, visto que boa parte dos estudantes da EJA possui certa vulnerabilidade social.

No bojo dessa demanda que surge em nossa sociedade contemporânea, avanços neoliberais sobre a educação, a insurreição de movimentos até mesmo

neonazistas sobre certos corpos vulneráveis, é que este trabalho se debruça sobre a sala de aula e seus documentos na EJA.

Já Costa (2022), traz em sua dissertação, no primeiro capítulo, a problemática da EJA, voltando para as aquisições e noções sobre a leitura e escrita, explicando que apesar de essa clientela não ter frequentado a escola na idade regular, ao adentrar novamente no ambiente educacional formal, traz consigo sua bagagem, sua história, sua educação assistemática, construídos a partir da sua vivência numa sociedade letrada, em contato com os símbolos linguísticos. A autora frisa a importância da leitura significativa e edificante, onde compreender o mundo vai além de simplesmente ler e escrever, e enfatiza a importância da desalienação dos educandos, na perspectiva de que a educação é direito de todos de forma igualitária.

A autora relata em sua pesquisa que todos os alunos sujeitos da pesquisa receberam junto com os cadernos de atividades “Turbinar seu Conhecimento”, uma cesta básica mensal no intuito de motivar a continuação dos estudos.

Costa (2022) destaca que em função da pandemia ocasionada pela covid-19, o material entregue aos alunos objetivou dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

A vivência dos alunos, a intencionalidade dirigida e coerente com o universo de alunos deve levar a integração de capacidades, modos pessoais de pensar, sentir e agir na busca do conhecimento global do educando.

Já a pesquisa desenvolvida por Zorzal (2015) enfatiza as superlotações nas salas de aulas e busca compreender a necessidade emergente de que há vários tipos de alfabetizações. Segundo a autora, isso varia de cultura para cultura, pois cada povo tem sua língua falada, suas experiências de vida, características próprias de cada ser humano e demais aspectos que precisam ser considerados para a alfabetização com a leitura de mundo que valoriza a identidade linguística, surgindo assim vários pontos de partida, facilitando esse processo.

A questão da alfabetização de jovens e adultos aparece como foco em alguns estudos, que segundo Haddad (2002, p. 3):

Recomendam que a formação de professores para a EJA seja adequada à modalidade; que seja estimulada a continuidade de programas de alfabetização; que se reconheçam as especificidades dessa modalidade e que se aproxime a escolarização da realidade concreta do mundo do trabalho (contemplando as práticas de trabalho e emprego no currículo).



Ainda nos referidos estudos, a questão da aquisição da leitura e escrita aparece como uma categoria central relacionada à prática pedagógica do professor e, a esse respeito, destaca-se que as pesquisas nos direcionam para uma abordagem do desenvolvimento cognitivo, das contribuições da linguística aplicada, da psicolinguística e da sociolinguística para este campo. Para além disso:

A análise revela que os principais problemas de pesquisa são: 1) as relações entre alfabetização e desenvolvimento cognitivo dos sujeitos; 2) os aportes da psicogênese da língua escrita e as possibilidades de conciliação com o paradigma freiriano de alfabetização de adultos; 3) os usos sociais da oralidade, da leitura e da escrita por sujeitos não alfabetizados ou escassamente escolarizados e suas implicações para o processo de alfabetização (consciência fonológica, conhecimento prévio de sistemas simbólicos, o texto como unidade linguística de alfabetização) (Idem).

Silva (2017) busca desvelar, através da análise do discurso de professores e alunos, confrontos entre a visão do senso comum sobre a escola e as propostas dos Sistemas de Ensino para a Educação de Jovens e Adultos. Assim, o autor mostra o quanto é necessário que a alfabetização na EJA esteja aliada à continuidade dos estudos e que não esteja a serviço da reprodução de determinadas formas de exclusão e controle dos trabalhadores.

É substancial estudos na perspectiva de compreender os processos de aquisição da linguagem oral e escrita pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos e, principalmente, sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores que atuam na respectiva modalidade. Nesse sentido, as ações conjuntas para o sucesso da EJA, agregar a tecnologia como aliada a educação sistematizada, haja vista que todo cenário atual exige esta demanda como ferramenta pedagógica.

## 2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.2.1 Marco teórico e recorte temporal da Educação de Jovens e Adultos - EJA

Como aporte teórico para a discussão acerca da EJA, procuramos sustentar as discussões a partir da reflexão acerca de produções científicas que melhor subsidie o nosso trabalho de análise e compreensão dos processos de aquisição da leitura e escrita dos alunos da EJA. Acreditamos, assim, poder contribuir com o campo da aprendizagem e da didática, sobretudo para o enfrentamento dos desafios

da Educação de Jovens e Adultos no campo da alfabetização.

Em relação à importância da alfabetização como instrumento de emancipação do sujeito, Freire (1991, p. 3) afirma que: “a leitura de mundo é precedida pela leitura da palavra, onde a importância da leitura na alfabetização é crucial na construção histórica do indivíduo”. A proposta deste autor traz o ato de conhecimento que tem como pressuposto fundamental a cultura do educando, não para cristalizá-la, mas como "ponto de partida" para que ele avance na leitura do mundo, para a compreensão do sujeito como partícipe da história. É na relação dialógica que se consolida a educação como prática da liberdade.

Nesse sentido, a aquisição da leitura e escrita para além de apropriação de elementos técnicos da língua é, acima de tudo, exercício de cidadania, pois insere o cidadão no universo letrado com condições de se posicionar criticamente frente aos desafios. Por esse motivo, Freire (1996) ressalta que o processo de construção do conhecimento mediado pelo mundo visa à transformação. Ele ressalta ainda que o processo político-pedagógico elege o educador e educando como sujeitos do social e para a construção de uma sociedade justa, democrática e igualitária.

Em sua obra “A pedagogia da autonomia”, Freire (1996), com seu discurso transgressor e revolucionário, reflete sobre os saberes necessários à prática de qualquer educador, sempre fundamentados, numa visão de mundo alicerçada no diálogo, na pesquisa na concepção crítica de mundo, na humildade, no risco, na curiosidade, na disponibilidade e, acima de tudo, no ato vivo e pulsante de ensinar e aprender.

Por isso, podemos afirmar que Freire:

[...] revela dedicação e coerência aliada a convicção de luta por uma sociedade justa, voltada para o processo permanente de humanização entre as pessoas onde ninguém é excluído ou posto à margem da vida [...] provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade, neste sentido a educação deve ser um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade (CÂTEDRA, 2000/2008, p. 1).

A ideia de dialogicidade, como proposto por Freire, remete a pensar a EJA como possibilidade de inserção e diálogo do sujeito aluno com a vida material, inclusive ou fundamentalmente com a vida no/do trabalho; na qual o aprender e o ensinar se unem ao cotidiano. Assim, percebemos que se trata de um modelo de aprendizado relevante que busca a possibilidade de proporcionar mudanças nas

práticas profissionais dos alunos, que em sua expressiva maioria são trabalhadores. Falando especificamente sobre a relação entre processos de aquisição de leitura e escrita nas classes de EJA e a capacidade de inserção do mundo do trabalho destacamos que:

[...] Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos. “Falo de “jovens e adultos” me referindo à educação de adultos”, porque, na minha experiência concreta, notei que aqueles que frequentam os programas de educação de adultos, são majoritariamente os jovens trabalhadores [...] (MATTOS, 2003.p. 98 grifos do autor).

Dessa forma, com certa releitura da realidade, a EJA permite a troca de um conhecimento num processo contínuo que se realiza durante toda a vida. Nesse contexto, a aquisição de conhecimentos e habilidades em um novo campo atualiza conhecimentos. Logo, a experiência pessoal com relação à vida social global se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido. Assim,

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma (FREIRE, 1979, p. 72).

Os seres humanos são seres transformadores capazes de se adaptarem à concretude para melhor operar as transformações do tempo (revolução, o desenvolvimento da leitura e escrita e a aceleração da vida) e estas trazem a necessidade de interagir com o novo.

Nas salas de aulas de jovens e adultos percebemos uma grande dificuldade na oralidade tais como: relacionar som e escrita, função da letra, percepção de forma e reprodução de sons. Estas dificuldades são agravadas pelas condições em que tem se desenvolvido esse processo, na maioria das vezes marcadas por salas com grandes diversidades (idade, níveis de aprendizagens, bem como material didático defasado e não especificado para a clientela). Falando especificamente

sobre as relações entre aspectos biofisiológicos e psicossociais no processo de aquisição de leitura e escrita, Freire ressalta que,

A aquisição do sistema escrito é um processo histórico, tanto a nível ontogenético, como a nível filogenético. O sistema escrito é produzido historicamente pela humanidade e utilizado de acordo com interesses políticos de classe. O sistema escrito não é um valor neutro (FREIRE, 1996, p. 59).

Desse modo, é comum em uma sala da EJA ter alunos que não sabem ler nem escrever, mas todos estão em busca de condições para essas aprendizagens, pois o contexto sócio-histórico no qual estão inseridos demanda esse saber sobre a língua. Então, antes de uma imposição unicamente externa dos sistemas educacionais, a vontade de aprender está ligada à vontade e à necessidade de compreender o mundo, condição inerente a existência humana.

Em relação especificamente ao método de ensinar e aprender a “alfabetizar”, Freire entrou para história da educação, pois deixou marcas significativas. Vários estudos colocam em relevo sua teorização e sua metodologia, de modo que muitos são os programas que apostaram em sua filosofia, em seu método de alfabetização, possibilitando aos jovens e adultos, assim, a oportunidade de que ser alfabetizado é possível, ou seja, saber compreender/ler o mundo, o que só comprova que:

Um dos pressupostos do método é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá para pensar sem susto –, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo a distância), não pode ser também o resultado do desejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire. “Nem educandos.” De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende (BRANDÃO, 2008, p. 21 grifos do autor).

Freire (1996) comprovou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade. Sendo assim, a educação deve ser um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade.

A EJA, por sua vez, propõe ações e estratégias que possibilitem avanços progressivos e a continuidade de estudos visando à educação básica, com propostas para formar cidadãos capazes de intervir e lidar com as dificuldades desafiadoras da sociedade moderna, sendo agentes críticos, criadores de ideias e formadores de conceitos, não meros reprodutores de pensamento já existentes e

patenteados.

Nesse sentido, conforme Piletti explica (1997, p. 15):

Reprodução, crítica e criação são processos inerentes ao desenvolvimento pessoal e, portanto, sempre presentes, em maior ou menor grau, na atividade educacional. Trata-se, certamente, de uma atitude antieducativa aquela que se limita a reproduzir o passado, mas esta reprodução não deixa de ser a base da crítica e da educação.

Ainda se faz necessário lembrar da importância de que a relação entre professor e aluno é algo que vai além do tradicional “eu ensino, você aprende”. Esse conceito se mostra obsoleto, uma vez que, pela concretização dos fatos, a história muda.

Segundo Scuzatto (2004, p. 27),

A história é formada por fatos que transformam a sociedade e percorrem o tempo, a ciência, pelo avanço da tecnologia, contribui com novas descobertas, enfim, tudo se altera, todos os ambientes, normalmente, sofrem alterações. A escola também sofre suas alterações e estas só vêm a acrescentar no currículo escolar.

Também se acrescenta a isso que conhecer a realidade é de extrema importância, pois um relacionamento norteado por conflitos entre professor e aluno pode levar ao fracasso escolar. Partir do concreto, da realidade, fará com que o aluno se interesse pelo que está estudando, indo a perceber que aprender a ler e a escrever não está distante do seu mundo.

Piletti (1997, p. 156) ressalta que:

Muitas vezes, os professores são preparados para trabalhar com alunos abstratos, idealizados, que não existem na realidade. Logo, ao iniciar seu trabalho, o professor percebe que seus alunos não formam uma turma homogênea, mas apresentam muitas diferenças entre si.

Considerar essas diferenças pode ser importante na relação professor-aluno no trabalho da EJA. Cada aluno tem motivo para aprender a ler e a escrever na sua fase adulta. Valorizar esses motivos e possibilitar caminhos para que os alunos os alcancem poderão trazer motivação e coragem para que o discente aprenda melhor, libertando-se de um mundo fechado, de acesso a informações restritas.

A equidade é a forma pela qual se distribuem os bens sociais de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, consideradas as situações específicas. Logo, a realização da pessoa não é um universo fechado e acabado. A função qualificadora, quando ativada, pode ser o caminho destas

descobertas.

Na visão de Pinto (2000), o adulto analfabeto não é um sujeito incapacitado, apenas não teve a oportunidade de adquirir, na idade estabelecida pela legislação, o conhecimento formal.

Por isso, Pinto (2000, p.37 grifos do autor) diz que:

[...] o analfabeto não é um ignorante, não é um inculto, mas apenas o portador de formas pré-letradas de cultura (as quais coexistem às vezes com uma nascente consciência crítica de seu estado, de seu papel social, de seu trabalho).

Freire (1996, p. 71 grifos do autor) acrescenta ainda que:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em considerações as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” cm que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

O ser humano deve entender que educação não é somente avanços em sala de aulas, mas também, novas formas de pensar, é a capacidade de ser crítico, o que exige a necessidade de uma democracia plena para contribuir com a formação de cidadãos capazes de lutar pelos seus direitos.

### **2.2.2 Aspectos históricos, políticos e sociais da Educação de Jovens e Adultos – EJA**

A Educação de Jovens e Adultos fora do tempo, previsto para o processo de alfabetização em língua portuguesa no Brasil, não esteve no centro do debate por séculos, sendo uma pauta ignorada e invisibilizada. Deixar de alfabetizar adultos é lhes condenar a estar distante de boa parte dos processos políticos de uma comunidade. Esse apagamento histórico começou a ser combatido no século XX, estando presente, principalmente, na *práxis* e na literatura de Paulo Freire, mas não apenas deste.

Durante a segunda metade do século XX,

a alfabetização, configurou-se como um instrumento de luta política e de valorização da própria cultura do povo. É nesse cenário que surgem movimentos e iniciativas dirigidas para alfabetização de adultos com vistas à transformação da realidade social como o Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco, Em Natal a Campanha de Pé no Chão

também se aprende a Ler, outro Movimento importante da época o Movimento de Educação de Base (MEB/Centros Populares de Cultura (CPC's) que eram ligados à Igreja Católica, a política de educação do governo de Jango que tinha como organizador o educador Paulo Freire através do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos(PNAA) (MARQUES, 2018, p. 14).

Com o golpe militar de 1964 e a instituição de uma ditadura em nosso país vemos um silenciamento de lutas sociais e demandas populares. Além disso, há a perseguição dos educadores e todos os outros envolvidos nesses projetos de formação da classe trabalhadora periférica, visto que a educação numa perspectiva libertadora, de criação de consciência do processo histórico em que a política brasileira se dava, era uma ameaça para a consolidação da política antidemocrática posta.

O Estado brasileiro ditatorial se propõe a atuar na questão do analfabetismo com um programa nacional chamado Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Esta ação veio com um grande atraso: paralisou as ações acerca da educação que estavam já em atuação, mas que não seguiam a agenda militar, e os censurou e tentou os substituir pelo MOBRAL, que só foi instituído no ano de 1968, como uma forma de se contrapor ao método de Paulo Freire, mas que só foi difundida a partir da década de 1970.

Era uma proposta tecnicista, sem desenvolvimento de discursos autênticos, distanciado da realidade dos estudantes, já que os materiais e metodologias de ensino se valiam de vocabulários e práticas que não valorizavam a dialogicidade, muito menos a reflexão crítica sobre a realidade ao redor, sendo uma formação apenas para a inserção no mercado de trabalho, e que não apresentava uma emancipação dos trabalhadores através da educação. Além disso, por se basear numa demanda puramente mercadológica, quando o Estado brasileiro entra em crise na década de 80, graças a política econômica posta pelos ditadores, o programa se torna desinteressante e é findado.

A luta pela educação de jovens e adultos deve ser feita com um recorte de classe, já que segundo Marques (2018, p. 6):

Brasil possui cerca de 14,1 milhões de pessoas não alfabetizadas entre jovens e adultos, o conjunto destes sujeitos refere-se a pessoas moradoras de ocupações urbanas ou rurais, jovens, adultos e idosos, negros, indígenas, entre tantos outros.

Ou seja, estamos falando de grupos sociais historicamente excluídos socialmente, na margem da construção de diretrizes políticas e da participação da democracia. A exclusão desses grupos é uma atuação opressora da classe dominante sobre a classe proletária de nossa nação, além disso, há ainda um discurso (que chega até os nossos dias) de que a educação (seja ela EJA ou não) é um assistencialismo, não um direito fundamental do ser humano (CHAGAS, 2020, p. 3).

Com o fim do Mobral, o Estado brasileiro não se põe ativo no processo de educação, já que no lugar desse é posta a Fundação Educar na década de 1980. Esta não atua na educação em si, mas sim apenas oferecendo recursos financeiros para projetos de organizações civis e privadas. Durante esta década, os estados e municípios que organizam a educação, sem ter uma diretriz central ou documentos norteadores.

Com a Constituição de 1988, garantindo o direito a educação para todos, e o fim do silenciamento, perseguição e exílio de diversos pesquisadores da área de educação, movimentos em busca de direitos começam a se reavivar. Surge a nova LDB, que brevemente fala sobre esta nova modalidade de educação.

A partir da redemocratização, a erradicação do analfabetismo ganha grande importância. Os governos democráticos criam e desenvolvem projetos para este fim; destaca-se o programa Brasil Alfabetizado, de Luiz Inácio Lula da Silva, onde o Estado assume o compromisso de contratar pessoal, formar professores, oferecer estrutura e recursos, além de buscar material específico para a EJA.

Devemos observar a relação de outros governos com a EJA, não podemos deixar de ver o sucateamento da EJA durante o governo Bolsonaro, onde tivemos os menores investimentos do século para este fim, deixando alunos desamparados, sem material didático e sem acesso às tecnologias necessárias para o processo de letramento digital/educação à distância durante a pandemia. Não devemos esquecer de como se dá a relação deste governo com o grande professor pesquisador Paulo Freire: silenciamento, até mesmo combativa, assim como foi durante a ditadura militar. Sabendo disso, percebemos que a defesa do direito à educação, o combate ao analfabetismo e ao legado de Paulo Freire é constante.



### 2.2.3 EJA e o capitalismo: necessidades que surgem com o mercantilismo

Abordar o desenvolvimento de diversos níveis de conhecimentos do novo modo de produção, chamado de capitalismo, ou seja, a passagem do modo de vida do senhor feudal ao desenvolvimento do conhecimento, o modo de produção capitalista, que gera uma divisão social de trabalho, produzindo uma força de mudança no sujeito, no estado e nas nações para a produção e acumulação de riquezas seria algo muito além do que se pretende neste trabalho.

Em todo o caso, após a Revolução Francesa, quando mais efetivamente se buscou um novo modelo de Estado para garantir o modo de produção capitalista, junto à produção de conhecimentos superiores e, assim, passando para a educação a tarefa de pensar, trazer os elementos em sua profundidade, a exemplo do tratado sobre educação feito pelo aclamado iluminista.

O nosso Estado-Nação já se constrói com o conceito de cidadão documentado, também apresenta o desenvolvimento das forças produtivas em crises econômicas, o histórico do século XX e suas influências na educação, economia, ambiente social e o desenvolvimento de diversos níveis de conhecimento, assim como o modo de se relacionar do mundo ocidental com o resto do mundo.

Tomando por base o encanto e desencanto de um novo olhar para as novas buscas de uma sociedade tradicional e moderna, o objetivo principal é traçar um direcionamento para obter um resultado de uma lógica capitalista, no sentido de contrastar as particularidades e entender o significado de cada uma delas. Sendo assim, a organização como forma de articular os modos de uma ação política e capitalista, a “religião”, por exemplo, não deveria ser mais considerada como um fator predominante, que antes fazia parte de um movimento organizador junto à política e o capitalismo com forma de articular essas ações, pois perderia suas forças, não transmitindo mais explicação da realidade.

Nessa perspectiva, surge o seguinte questionamento: Qual a visão de trabalho que se podia ter? Quais as vantagens para o trabalhador nesse novo modelo? O seu salário era compatível? Observem o que o autor cita abaixo. Segundo Bauman, antes seria assim:

[...] dentro da fábrica e sob a disciplina imposta pelos patrões, o compromisso pleno com o trabalho artesanal, a dedicação incondicional e ao mesmo o comprimento no melhor nível possível, das tarefas impostas.

As mesmas atitudes que – quando exercia o controle sobre seu próprio trabalho de artesanato adaptado espontaneamente (BAUMAN, 2001, p. 19).

Após a Revolução Industrial houve mudanças de hábitos. Novas regras foram impostas pela indústria e a necessidade de tirar o pensamento das pessoas e a elas tornarem obedientes (passivas), impor o controle e a subordinação, uma vida que não era mais nobre nem se ajustava a seus próprios princípios de moral, mas a um regime efetivo e eficiente do trabalho mecanizado:

O ritmo impessoal, inumano e mecânico do trabalho da fábrica, havia uma curiosa mistura entre a mentalidade pré-industrial e anti moderna da economia escravista e a nova visão escura do mundo maravilhoso, milagrosamente abundante, que – uma vez quebra as correntes de tradição – surgiria como resultado da invenção humana, e antes todo o domínio humano sobre a natureza (BAUMAN, 2001, p. 23).

A modernidade visava certa melhoria da qualidade de vida e quem não se adaptava as mudanças era obrigado a se adaptar, mas o que não seria levado em consideração era o fato de o pobre continuar pobre por possuir qualificação para o trabalho, o que não impediu que se fosse construindo a ética do trabalho segundo a ética capitalista, junto a estética de consumo: quem consumisse mais, independentemente do que produzisse ou ganhasse, seria visto como melhor. Os alimentos, o abrigo e o conforto (por exemplo) entrepuseram-se entre a necessidade e a satisfação, fazendo-os querer coisas que nem sabiam para o que poderia servir. A sociedade dita o que é o melhor: amplitude, necessidade, satisfação, e a publicidade cria a necessidade que não há, cria uma máquina de consumir: “como resultado, a nossa educação é uma versão privatizada da modernidade, e o peso da construção de pautas e a responsabilidade do fracasso caem primordialmente sobre os ombros dos indivíduos” (BAUMAN, 2001, p. 13).

Como contraponto a isso, a democratização do ensino vai na tentativa de construir um projeto para melhorar a qualidade de vida numa expectativa de se conseguir sobreviver através do estudo e do trabalho também como um projeto de modernidade. Sendo assim, surge uma responsabilidade de um crescimento profissional no intuito de acompanhar o tempo de perda como um fracasso inerente ao próprio.

De acordo com os estudos, compreendemos que nem sempre quando uma pessoa faz bem o seu trabalho significa que tenha uma boa renda, poderá vir a ser

um bom consumidor, o que para a sociedade de consumo é o mesmo que ser um fracassado. Para Castel, por exemplo:

[...] se podem distinguir dos grandes tipos de proteção: as proteções civis garantem a liberdade fundamental e a segurança dos bens e das pessoas no marco de um estado de direito. As proteções sociais “cobrem” contra os principais riscos capazes de entrar uma degradação da situação dos indivíduos, como a enfermidade, o acidente, às vezes empobrecidos, dado que as contingências da vida podem culminar, na última instância, na decadência social (CASTEL, 2008, p. 11).

Cria-se a subjetividade modelada, no entanto, de acordo com os interesses do estado capitalista de consumir. O desejo de sair da pobreza revela no estudo e no trabalho de fazer parte da sociedade do consumo e do sistema capitalista. O Governo se encarrega de garantir a segurança do consumo dos nossos bens pelo “interesse pessoal do governo”, visando assim uma nova estética, um novo perfil de cada pessoa. Quanto ao cidadão, este não pode falhar, senão empobrece, e perde o direito de consumir e tem afetado sua subjetividade, sobretudo no que diz respeito à autoestima. O fracassado no consumo, a dialética entre subjetividade e trabalho é igual a uma forma de pensar particular, contraditória, questionadora, ganhando ares inclusive de tendências filosóficas, vide a ampla divulgação pela sociedade geral da meritocracia.

A “modernidade líquida” se entrelaça com o processo de ligação (ligeiro) que produz no momento da modernidade. A sociedade como se encontra é o próprio produto da sociedade capitalista, em que ela produz menos riqueza social, educação e saúde. As empresas terceirizam serviços e produzem somente o que necessita. As fábricas compram serviços. Em outras palavras:

A expressão mais potente da eficácia do pensamento científico moderno – especialmente em suas expressões tecnocráticas e neoliberais são hegemônicas – o que pode ser descrito literalmente como a naturalização das relações sociais, a nação de acordo a qual as características da sociedade chamada moderna são as expressões das tendências espontâneas, naturais do desenvolvimento histórico da sociedade (LANDER, 2000, p. 7).

Assim, aceitamos as ideias propostas pelo capitalismo sem discutir. O discurso aponta também que esse modelo de produção tira do estado algumas obrigações que antes também eram do estado, para que somente os sistemas privados formem os médicos, dentistas e educação, fazendo com que haja uma decomposição do estado produtivo. O neoliberalismo produz assim uma degradação

social. Ou seja: não mais há uma sociedade produtiva em si, mas sim uma sociedade de produção do consumo.

Toda a responsabilidade de fracasso ou sucesso está em nossas mãos, se ganhamos ou perdemos, o sistema não assume que deve atender a todos sem exclusões. Ele nunca se destina para construir, só para consumir. Tudo se envolve numa mudança em relação entre espaço e tempo na pós-modernidade. Tudo que é líquido se move, não é estável, tudo se mistura. A família também é uma forma social que se move, industrial, consumo, os tempos, os espaços têm diminuído. Uma comunidade virtual, por exemplo, não tem espaço, não tem lugar:

A rotinização do tempo manteria o lugar íntegro, compacto e somente a uma lógica homogênea (sendo o poder da rotinização qualificando ao tempo de “métrico”). Na conquista do espaço, o tempo tente ser flexível e maleável e, sobretudo, redutível por meio de sua crescente capacidade “devoradora de espaço”, de cada unidade: dar a volta o mundo em oitenta dias era um sonho sedutor, mas dar a volta ao mundo em oito dias era muitíssimo mais (BAUMAN, 2001, p. 124 grifos do autor).

A sociedade está sem limite e anseia por sempre mais. As empresas privadas devem garantir saúde e educação através de leis, forças políticas neoliberais porque o estado *Keneysiano* é difícil de manter. A educação é para quem pode pagar e não para todos, assim como os outros serviços prestados à sociedade, atravessando todos os estados e conformando como pós-modernidade um modo particular de se relacionar através também das forças militares utilizadas nas ditaduras para garantir essa passagem para as formas neoliberais. Bauman refaz a periodização histórica da modernidade e seu pensamento sobre o que vem a ser a modernidade líquida:

A modernidade pesada matinha o capital dentro de uma jaula de erro da qual ninguém podia escapar. A modernidade leviana só é deixado a um deles dentro da jaula. A modernidade “sólida” era uma época de compromisso mútuo. A modernidade “fluida” era uma época de descompromisso, elucidava, voava fácil e persuasão sem esperança. Na modernidade “líquida” domina os mais elusivos, os que tem liberdade para mover-se a seu oposto (BAUMAN, 2001, p. 129 grifos do autor).

A sociedade vê as coisas públicas como ruins e, por isso, torna a iniciativa privada num escape para a responsabilidade do Estado trazendo uma mundialização dialética de comunicação.

Hoje, no final do século XX, muitos mantêm que nos encontremos frente ao começo de uma nova era a que ter de responder as ciências sociais e que transcende a mesma modernidade. Se há sugerido uma curiosa variedade de termos para referir-se a essa transição, alguns das quais fazem

referência direta ao surgimento, de um novo tipo de sistema social (como a sociedade da informática e a sociedade de consumo). Não obstante, a maioria destes termos surgem bem melhor que ao anterior estado das coisas está chegando e seu fim (pós modernidade, pós capitalismo, a sociedade pós-industrial, e assim sucessivamente). [...] as transformações institucionais (GIDDENS, 1990, p. 15-16).

Embora estejamos num período conhecido historicamente como pós-colonial, muito do que se apresenta ainda tem relação com o nosso passado colonial, portanto, é preciso pensar profundamente no que vamos fazer na nossa economia e gerar soluções para os problemas cotidianos.

#### 2.2.4 Globalização e modernidade líquida dentro da educação sistematizada

A globalização tem como objetivo conectar os países desenvolvidos aos países emergentes. Giddens refere-se à modernidade como globalizadora através de como cita a mundialização:

A mundialização refere-se principalmente a esse processo de alargamento no concernente aos métodos de conexão da extensão entre diferentes contextos sociais às regiões que se convertem em uma rede larga de toda a superfície da terra (GIDDENS, 1990, p. 68).

Pelos diversos modos de interligar os contextos sociais de vários países da terra através do espaço e tempo, sendo o capitalismo fundamental para a globalização e por ser uma ordem mais voltada para a economia do que uma ordem política, penetrando em regiões remotas transformando métodos originários devido a suas políticas.

Santos, por sua vez, ressalta que a globalização tem que ser analisada pelas desigualdades da população entre os países de diferentes partes do mundo:

[...] também está globalização interage de maneira muito diferente com as outras transformações que são **concomitantes** no sistema mundial, tais como o aumento dramático das desigualdades entre países ricos e pobres, o interior de todos os pais, entre ricos e pobres, a superpopulação, a catástrofe ambiental, os conflitos étnicos, a migração internacional massiva, a emergência de guerras civis, o crime globalmente organizado, a democracia formal como condição política para a ajuda internacional etc (SANTOS, 2007, p. 168 grifo do autor).

A produção de novos conhecimentos necessita chegar a todos em comum, sugere Santos (2007) para que haja modificações na globalização. A institucionalização e o desenvolvimento industrial capitalista estão presentes de um

modo particular na produção. Em tese, o patrão como detentor dos meios de produção e o trabalhador com a mão de obra qualificada para gerar o produto. Santos, porém, aborda que a globalização deve ser olhada com uma visão ampla. Giddens (1990), por sua vez, afirma que a globalização se evidencia através de quatro grandes sistemas: 1) O Sistema Capitalista, 2) A vigilância e controle, 3) O desenvolvimento Militar, 4) A força produtiva.

Nas últimas décadas, a informação vem através dos meios de comunicações de massa. A globalização, internacionalização e a multinacionalização, mostram o fim do controle nacionalista do estado para um controle do mundo. Industrialização, globalização transformação da natureza em matéria prima, as lutas ecológicas, desenvolvimento e expansão industrial, perda de autonomia são características da globalização.

A globalização, porém, deveria dar mais atenção à melhoria da qualidade de vida. Ianni (1993) ressalta essa nova promessa da modernidade como sendo:

A razão parece incapaz de redimir, depois de tanta promessa. Ou melhor, o castigo se revela maior que o pecado. A utopia da emancipação individual e coletiva parece que está sendo castigada com a globalização tecnocrática, instrumental, mercantil, consumista. A mesma razão que realiza o desencanto do mundo, para ser emancipado, aliena mais ou menos implacavelmente a todo o mundo (IANNI, 1993, p. 10).

Assim, surge a classe pobre e marginal que aumenta mais ainda com o passar das suas gerações. Santos (2007) destaca acerca da necessidade de elaborar uma “epistemologia do Sul”. Desde logo, nesta fala deveria ocupar um lugar relevante a contribuição, a partir de uma perspectiva especificamente latino-americana, de Lander (2000).

Santos (2007) é um autor muito relevante para agregar novos paradigmas, por isso acreditamos que trabalhar com ele nesta questão junto aos outros autores acima citados, como forma de difundir as ideias no nosso trabalho, pode enriquecer com maior qualidade a abordagem da nossa questão. Isso, por ele fazer esse debate a respeito da colonização dos países do Sul pelos países do Norte, quando estes impõem suas ideologias, seu pensar e seus costumes, embora elas tenham sido produzidas em contextos totalmente diferentes do nosso, aumentando as desigualdades sociais. Na América Latina tende a ter uma emancipação dos países emergentes.

Para Santos (2007), os nossos embasamentos teóricos e a nossa teoria foram produzidas pelos países desenvolvidos, o que nos causou uma descompatibilidade com a nossa realidade social e desencadeou uma grande desigualdade social:

Não é simplesmente de um conhecimento novo que necessitamos: o que necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento. Não necessitamos de alternativa, necessitamos é de um pensamento alternativo às alternativas [...] e por isso precisamos fazer uma reflexão epistemológica, já que em nossos países se vê mais claro que a compreensão do mundo é muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo. E por isso nos falta um conhecimento tão global como a globalização (SANTOS, 2007, p. 20).

Assim propomos:

[...] a possibilidade de que a ciência entre não como monocultura mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o sab que tudo vale o mesmo. Discutiremos isso com o tempo (SANTOS, 2007, p. 33).

Com base aberta sobre a pós-modernidade, globalização e educação, assumindo de alguma maneira o caráter de “conceitos-marco” que estes termos têm, quais seriam as novas tarefas e os desafios da educação – e dos educadores – no mundo globalizado e pós-moderno? Podemos encarar sua reflexão em distintos níveis de análise, separadamente, integrando-os a uma reflexão comum. Tal sentido pode considerar tanto processos pedagógicos que tem lugar ao nível de aula, como processos organizativos em instituições educativas, as reformas políticas no sistema educativo em geral, o processo do bem que atravessam todos os níveis e que envolve de modo transversal aos sujeitos e as organizações educativas, pois:

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual (...) não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosa e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo (BAUMAN, 2001, p. 14 grifos do autor).

Isso nos faz refletir dando assim uma sequência de pensamentos relevantes que irão nos levar à busca incansável de descobertas de novos paradigmas. Sendo

assim, a produção acadêmica epistemológica deve ser fundamentada cientificamente para que seja concretizado o conhecimento. O conhecimento vulgar não surge do nada para o nada, ele precisa ser trabalhado e lapidado para que se torne produção científica e faça parte das ciências sociais. Os países desenvolvidos que são efetivamente os produtores de conhecimento e de produtos para o consumo que se movem ao redor do mundo em lugares que vão atuar. Contudo, protestemos, pois nós mesmos devíamos tais conhecimentos sobre nossa própria realidade.

A todo tempo estamos em debates sobre as questões sociais, econômicas, ecológicas e as mais diversas lutas para melhorar o mundo, dentro e fora do mundo acadêmico. A industrialização, a produção desenfreada, do mundo onde os debates e a transformação da natureza em matéria prima, as lutas ecológicas, o desenvolvimento e a expansão industrial, o espaço e tempo se modificam, a modernidade da industrialização e tempo cronometrado etc. São mudanças que também mudam a nós.

Diante dos estudos nos perguntamos: o que a globalização e a modernidade líquida tem a ver com a EJA? Há uma consonância gritante, mesmo que às vezes isso fique oculto, pois sabemos que é de interesse do Governo que a massa sempre continue estática e alienada. No entanto, podemos dizer de modo veemente que nada é estático, inclusive a educação sistematizada, já que todos os avanços contribuíram para uma ruptura de valores e aumentou a necessidade de o indivíduo retornar à escola: ou por ter seu tempo roubado em trabalho ou por falta mesmo de oportunidade de se desvelar.

### **2.2.5 Processos de aquisição de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos**

Também não é possível tratar de alfabetização sem falar de Emilia Ferreiro. A psicolinguística Argentina, radicada mexicana, discípula de Jean Piaget, revolucionou o conhecimento que tinha sobre a aquisição de leitura e da escrita, quando lançou com Ana Teberosky o livro “Psicogênese da língua escrita” (FERREIRO, 2001).

Para Moura, por exemplo:

As formulações de Ferreiro mudam radicalmente a visão sobre o processo de aquisição do sistema de escrita. A partir dos seus estudos é possível



considerar-se a língua escrita como objeto específico da atividade de alfabetização. É possível entender-se a língua escrita em toda a sua complexidade e riqueza e com toda a sua gama de usos sociais. Isso não significa que Ferreiro se prenda, na alfabetização, aos aspectos figurativos da escrita. Para ela, o importante na alfabetização inicial, é a preocupação com seus aspectos construtivos, sua natureza e função social (MOURA, 1999, p. 215).

A esse respeito, a própria Ferreiro afirma:

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Em relação especificamente ao trabalho de alfabetização de jovens e adultos, Ferreiro se justifica ao afirmar que se trata de uma adaptação, e não uma transposição dos mesmos métodos que são empregados com as crianças pequenas (FERREIRO, 2001, p. 43).

O sentido da educação, mais especificamente a alfabetização, é, porém, ultrapassar a simples leitura e escrita, é entender a comunicação em sociedade. Isso por si só justifica a necessidade de se pensar na aquisição da leitura e escrita com os jovens e adultos. Nesse aspecto, as proposições de Ferreiro (2001) se coadunam com as de Freire (1996). A alfabetização engloba a prática social, as relações, o conhecimento, a linguagem, a cultura e também engloba processos de elaboração mental em nível de elaboração de esquemas cognitivos, porém isso não se contrapõe a necessidade de compreensão dos múltiplos fatores que envolvem a alfabetização.

Ainda em relação à necessidade de compreensão do jovem e do adulto, como sujeito sócio-histórico, ressaltamos a importância da valorização dos conhecimentos dos jovens e adultos,

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas (OLIVEIRA, 1999, p. 3).

Os jovens e adultos têm dificuldades diferentes das que as crianças na fase de alfabetização e vem a ser nessa perspectiva que Freire valoriza a leitura de mundo:

Durante muito tempo, acreditou-se que primeiro os educandos deveriam aprender o sistema da escrita, conhecer as letras, saber juntá-las, relacioná-las com a pauta sonora, saber pontuação, regras gramaticais, etc. Só depois poderiam lidar com a linguagem escrita, ou seja, com a elaboração e compreensão dos textos (DURANTE, 1998, p. 49-50).

Podemos dizer, porém, que a educação é uma construção diária, a cada dia uma nova descoberta que leva para todos os educadores os desafios em sala de aula:

Em resumo, poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem. Se falarmos do professor de adultos e do professor de cursos à distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinados, motivados (GADOTTI, 2005, p. 45).

Sendo assim, é impossível falar da educação de jovens e adultos, principalmente, acerca da aquisição da leitura e escrita, sem falar da educação permanente. Sabemos que a educação permanente tem suas amplitudes, inclusive esse envolvimento que se atrela à EJA, pois sabemos que é onde o aprender e o ensinar se unem ao cotidiano. Percebemos que se trata de um modelo de aprendizado relevante que busca a possibilidade de proporcionar mudanças nas práticas profissionais. Portanto, a educação permanente é um sistema aberto, que utiliza toda a potencialidade da escola e da sociedade para produzir os valores, conhecimentos e técnicas que servem de base à práxis humana em toda a sua extensão (MENDES, 1969, p. 15). Corroborando com o exposto acima:

Veio como uma ideia anárquica, mostrando-se como palavra de ordem que é capaz de reunir correntes, reduzir as concepções opostas e alargar o conceito de educação. Percebe-se que a Educação Permanente possibilita um releer constantemente a realidade, na qual todos somos eternos aprendizes (GADOTTI, 1982, p. 16).

Dessa forma, com a releitura da realidade a Educação Permanente permite a troca de conhecimento num processo contínuo e educativo, que se realiza durante toda vida. Assim, é preciso refletir sobre as relações que viabilizam essa troca de conhecimento, ao considerar as oportunidades de superação que são únicas e inacabadas. Sendo que para melhorar temos que ter um olhar crítico diante o tema escolhido.

Então, entendemos que a Educação Permanente seja:

Oportunidade oferecida a qualquer pessoa que deseja enriquecer sua cultura ou sua produtividade, independentemente de sua idade, experiência e conhecimentos prévios. Processo contínuo que se realiza durante toda a vida. Permite completar um nível de educação formal, adquirir conhecimentos e habilidades em um novo campo, atualizar conhecimentos numa determinada área e melhorar qualificações profissionais (MENDES,

1969, p. 132).

Nessa conjuntura, o contexto da aquisição de conhecimentos e habilidades em um novo campo reatualiza os conhecimentos. Logo, tanto a experiência pessoal quanto a vida social global se traduzem pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido.

Conforme Pierro, Joia e Ribeiro ainda, a:

Concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que não se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que se já a etapa da existência que esteja vivendo. (PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001, p. 136-137).

É preciso romper com estes paradigmas tempestuosos que colocam os jovens e adultos à “margem”. Por isso, são muitos pesquisadores que lutam para que a EJA tenha referência positiva. Acreditamos que a escola seja um elemento de transformação da sociedade e do espaço cultural e que deve oferecer condições e estímulos, os mais variados possíveis, para que o aluno possa educar-se de forma mais independente e autônoma, para enfrentar situações de conflitos das mais diversas, apropriando-se do processo de aprendizagem como sujeito da sua própria vida e história. O aluno tem problemas difíceis de suportar, penosos em sua natureza, situação comum do dia a dia na escola. Por vezes lidamos com alunos perplexos que agem segundo um ponto de vista que leva a práticas errôneas e simplesmente não consideramos o contexto histórico familiar dos mesmos.

A cada novo método e nova perspectiva teórica, vemo-nos diante de um cenário às vezes triste onde presenciamos educadores que estão desmotivados, insatisfeitos em sua vocação de mediadores, e o aluno esvaziado da fome de saber. Se desejarmos uma sociedade educacional diferente, teremos que transformar as pessoas; sua maneira de pensar e sentir. Afinal, somos educadores, para que se possa alterar a conduta, já que são essas maneiras de ser que determinam o comportamento do ser humano.

Buscar o sentido e o significado da EJA foi o que nos motivou a essa confrontação da realidade na EJA com todos os dados e a pesquisa de campo realizada em um espaço pedagógico.

## 2.2.6 Lendo através de novos paradigmas

Ao chegar à idade adulta, os indivíduos já adquiriram ao longo dos anos noções sobre a leitura e a escrita, mesmo que não tenham frequentado a escola formal, porque, convivendo numa sociedade letrada, tiveram contato com determinados símbolos linguísticos.

Vejam o que diz os PCN's:

A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A "arte estimula o aluno a perceber, compreender e relacionar tais significados sociais (BRASIL, 1996, p.19 grifos do autor).

A educação de jovens e adultos, portanto, tem condicionamentos dentro do contexto escolar que nos levam a considerar toda a bagagem já adquirida pelos indivíduos. Todavia, sabemos que a educação, que é direito de todos, negligenciou o atendimento à grande parte da população e no atual momento nos deparamos com iniciativas que favorecem o processo educativo para aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria.

A LDB 9394/96, no artigo 37, na seção destinada à Educação de Jovens e Adultos, cita que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condição de vida e trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996, p. 30).

Diante disso, é evidente que o todo e qualquer espaço pedagógico formal necessita adequar sua forma de trabalhar para atender às necessidades específicas desse grupo de alunos, para que eles possam ter oportunidades de adquirir o respectivo conhecimento.

O cotidiano e as experiências de cada aluno devem ser valorizados no momento exato para a construção dos projetos que busca o crescimento intelectual de cada um, assim, impulsionando a ruptura de paradigmas pessoais de pensar, sentir e agir na busca do conhecimento global do educando.

Ainda segundo os PCN's:

As oportunidades de aprendizagem, dentro e fora da escola, mobilizam a

expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior (BRASIL, 1998, p. 19).

Assim sendo, os valores atribuídos à EJA variam de acordo com o tempo e o espaço, sofrendo modificações e influenciando os conteúdos.

Quando inicia o processo de aprendizagem do ler e escrever, o educando fica admirado perante as oportunidades que surgem para o seu crescimento intelectual e, por vivermos em uma sociedade letrada, em que desde os primeiros anos de vida os indivíduos têm contato com a leitura, o processo de aprendizagem inicia-se muito antes do seu ingresso na escola. Entretanto, muitos jovens e adultos não adquirem capacidade de se tornarem bons leitores, mesmo tendo frequentado regularmente a escola.

Diante disso, Carneiro reflete que:

O currículo trabalha um conhecimento sempre provisório que exige, do aluno, estar em reciclagem permanente. Neste sentido, as letras e as artes, menos do que manifestações culturais congeladas no tempo, devem ser trabalhadas à luz deste processo de agregação da cultura humana que se exterioriza (é sempre uma manifestação), mas nunca se cristaliza (deve ser captada, sempre como uma manifestação dinâmica). Assim, a pintura, o texto literário, a peça de teatro, a escultura, a cerâmica ou o desenho rupestre nada mais são do que corpos radiográficos do processo de transformação da sociedade (CARNEIRO, 2007, p.120 grifos do autor).

A interação é uma prática social como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem que facilita a aprendizagem, organizada e fundamentada culturalmente, nela está inserida valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constroem e que dela se ocupam.

Assim, podemos dizer que por meio das intervenções pedagógicas, o indivíduo faz uma leitura de mundo e alcança níveis mais elevados de conhecimento e compreensão da realidade; e esse conjunto de conhecimentos é fundamental para a conquista da sua autonomia, da sua plenitude. Pois é isso que os profissionais da educação precisam de almejar.

### **2.2.7 As diferentes formas de intervenções pedagógicas**

Vivemos em uma sociedade letrada e os indivíduos que não conseguem apropriar-se da leitura e da escrita convencional ficam em desvantagem. O fracasso, muitas vezes, é atribuído aos alunos que não conseguiram superar as deficiências

do ler e escrever. Todavia, os educandos ao chegarem à escola já possuem muitas experiências que se perdem quando a organização dos momentos destinados à leitura não é feita de forma adequada, prejudicando a formação do leitor crítico ou tornando esta uma atividade tediosa.

Quando a aula é organizada de forma que a leitura é obrigatória e serve como instrumento para medir a capacidade do aluno, este fica impossibilitado de descobrir o prazer que a leitura pode proporcionar. Diante disso, o professor deve analisar a sua prática compreendendo que os diferentes tipos de textos possuem funções sociais diversas e objetivos específicos. Assim, conhecer a tipologia é um caminho para a escolha adequada de acordo com o que se deseja alcançar por meio da leitura do material selecionado.

Para que o aluno possa praticar a leitura, a escola deve disponibilizar diferentes tipos de textos, uma vez que não se pode ignorar fatores como a situação econômica e a falta do hábito de se adquirir livros, revistas e jornais por parte da maioria da população. Assim, a biblioteca da escola é um espaço que merece grande atenção, devendo existir projetos que incentivem a frequência dos alunos e professores.

Tornar o ambiente estimulador para a leitura requer criatividade do professor, permitindo a abertura de espaços onde os alunos possam ler discutir, criticar e produzir seus próprios textos sem a ameaça de estarem sendo cobrados por meio de atividades mecânicas, como as de responder perguntas, interpretar o pensamento do autor ou ser avaliado de acordo com sua capacidade de utilizar as regras gramaticais.

Os jovens e adultos já possuem um conhecimento e domínio sobre a visão de mundo, em que sua expressão esclarece todos os seus desejos e atitudes, o que nos remete a um novo olhar que deixe de lado a posição ingênua, e tomemos como ponto de referência um processo de alfabetização que transforme esses jovens em cidadãos autênticos que, embora oriundos de uma sociedade carente, transformem-se em homens críticos e criativos (FREIRE, 1996).

Quando um adulto decide voltar a estudar, ele deseja recuperar o tempo perdido ou, pelo menos, uma parte dessa vivência escolar, que ele não obteve em tempo regular do ensino, criando uma expectativa de mudança dentro de um padrão de conscientização da descoberta do novo.

Freire (1996) desvela a dedicação e coerência aliada à convicção de sua luta por uma sociedade justa, voltada para o processo permanente de humanização entre as pessoas, em que ninguém é excluído ou posto à margem da vida.

É diante disso que acreditamos nas palavras deste articulista quando diz que a aquisição da escrita faz parte da alfabetização, ocorrendo a construção do conhecimento “[...] que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade [...]”, sendo imprescindível para o pleno exercício em cidadania, exercendo os deveres e direitos na sociedade (FREIRE, 1996, p. 59).

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A busca por respostas para as indagações levantadas ao longo da pesquisa exige aparato teórico capaz de sustentar a fundamentação argumentativa e direcionar o estudo às conclusões que buscamos encontrar. Para tanto, pressupõe-se a necessidade de nos debruçarmos sobre as contribuições de estudiosos que têm como objeto de estudo a temática proposta neste estudo. Com base nisso, o levantamento de produções científicas que discorram sobre a temática consiste em um primeiro passo essencial, passo esse que tomou como base alguns bancos de dados, disponibilizados em meio eletrônico, como repositórios de universidades, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Google Acadêmico, Scielo, entre outros, bem como sites oficiais do Governo e livros, localizados a partir de busca realizada com os descritores: Educação de Jovens e Adultos, Prática docente, Alfabetização na EJA.

O estudo foi de caráter exploratório e abordagem quali-quantitativa, que se propôs a investigar a realidade de profissionais que atuam na EJA e alunos atendidos por essa modalidade, como forma de conhecer a realidade da prática voltada a esse público, sob a ótica dos sujeitos envolvidos diretamente nesse processo.

Sobre a pesquisa qualitativa, Guerra (2014, p. 11) explica:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

O desenvolvimento da mesma se deu por meio de um estudo de caso, ao qual Godoy (1995, p. 25) classifica “como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”.

A autora explica, ainda, que esse método tem como objetivo promover uma discussão a respeito da realidade, de uma situação extraída da vida real, bem como a sua análise e busca por possíveis soluções.



### 3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Tomando como participantes do estudo, foram convidados sete professores (três de uma escola e quatro de outra), uma pedagoga de cada escola e dez alunos (cinco alunos de cada escola) para trazerem suas percepções acerca da EJA enquanto modalidade da educação básica, bem como do processo de alfabetização envolvendo os alunos atendidos.

A seleção dos sujeitos se deu pela aproximação dos mesmos com a temática, considerando a atuação e experiência com a EJA. No que tange aos profissionais, pedagogos e professores, acreditamos ser necessário envolver aqueles que estão em contato com essa realidade e podem contribuir com a pesquisa.

### 3.2 LOCAL DA PESQUISA

Como *lócus* da pesquisa, selecionamos duas instituições de ensino que atendem alunos da EJA, ambas localizadas no município de Cariacica, no Espírito Santo.

Foi necessário procurar instituições que pudessem contribuir com a investigação e essa busca ocorreu tanto no município de Vitória, quanto em municípios vizinhos, cujos representantes tivessem disponibilidade para possibilitar o estudo.

Com a autorização, foi devidamente preenchida uma autorização da instituição coparticipante, assinada e carimbada pelos responsáveis, e posteriormente encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa para apreciação e análise acerca da viabilidade da pesquisa.

### 3.3 PRODUÇÃO DOS DADOS

A produção de dados levou em consideração os três grupos de sujeitos, ou seja, pedagogos, professores e alunos. Por isso, fez-se necessário direcionar a cada um dos grupos um instrumento de coleta de dados específico, de acordo com as contribuições que podem trazer.

Nesse sentido, para os professores e pedagogos que participaram, foi elaborado um questionário contendo 21 questões abertas e fechadas e que

envolveram a realidade do profissional atuante na modalidade EJA. O instrumento foi entregue aos sujeitos para que fosse respondido, sem interferência de terceiros nas respostas, de forma impressa, dando aos mesmos a flexibilidade de responder o questionário no momento e local adequados.

Já em relação aos alunos, da mesma forma, foi entregue uma cópia impressa do formulário com 12 questões. Considerando que se trata de educandos em processo de alfabetização, optamos por aplicar um formulário com questões abertas e fechadas, mas com a possibilidade de que outra pessoa transcreva exatamente o que é relatado pelos participantes, caso o mesmo não consiga responder sozinho, por ainda estarem em processo de alfabetização.

Sobre o questionário utilizado na pesquisa durante a coleta, pode ser definido: “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p. 128).

É uma ferramenta capaz de ilustrar as vivências dos sujeitos envolvidos no processo de alfabetização na EJA a partir das suas respostas, destacando como cada grupo se comporta diante dos aspectos que envolvem tal modalidade.

É válido ressaltar que a pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Vale do Cricaré, como também autorização dos representantes das instituições envolvidas. Aos participantes envolvidos na pesquisa foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde foram informados os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa, bem como os aspectos gerais que garantem a segurança dos sujeitos. Concordando com os termos, eles assinaram, aceitando participar da pesquisa.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos ocorreu por etapas, tabulando as respostas de acordo com critérios de agrupamento, possibilitando, posteriormente, a verificação sobre os pontos divergentes e semelhantes em relação ao ponto de vista de cada grupo, ou de cada instituição ou seguindo a caracterização explicitada a partir da leitura preliminar.

Esses dados foram tratados criteriosamente, com cautela necessária para evitar más interpretações que possam interferir nas considerações finais influenciadas pelo estudo.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em mundos diversos, a educação existe diferentemente: em pequenas sociedades onde a EJA ainda é um sonho: agricultores, pessoas idosas, pessoas que tiveram que abandonar tudo para trabalhar e ajudar no sustento. Em países que têm uma gritante divisão de classe social como em nosso país, o Brasil, com conflito entre classes, o conhecimento popular só é valorizado naquilo que fortalece estereótipos de caráter hegemônico. A educação de cada categoria de sujeitos de um povo; existe em cada povo ou entre povos que se encontram. Existem povos entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominação.

Da família a comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classe de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos. A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum uma ideia, como saber, aquilo que venha a ser comunitário como um bem, um trabalho ou como uma vida. Ela pode existir como imposição de um sistema centralizado de poder que usa o saber e o controle do saber como armas que reforçam as desigualdades entre os indivíduos. Ou seja:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos modos todos nós envolvemos os pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2008, p. 7).

A educação é, como outras facetas humanas, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre outras invenções de sua cultura, de sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para aqueles que reproduzem entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa a palavra, as regras do trabalho, o segredo da arte, as diferentes formas do agir e do pensar, do artesanato à tecnologia, que a sociedade precisa para reinventar, todos os dias, a vida, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita e desde onde ajuda a explicar, às vezes a ocultar e/ou inculcar, de geração em geração. Da necessidade da existência de sua ordem, a educação existe no imaginário das

peças e na ideologia nos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que sua missão seja a de transformar sujeitos e mundos em algo melhor, de acordo com as imagens que se têm uns dos outros. Na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer, podendo até a desacreditar o ser humano do humano.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Considerando a necessidade de compreender a prática de ensino voltada aos alunos da EJA, foi preciso envolver na pesquisa tanto professores e alunos, quanto as pedagogas que atuam nas instituições pesquisadas, pois a perspectiva de cada um dos sujeitos é importante para uma investigação concisa e fundamentada.

Assim, inicialmente, foram ouvidas as duas pedagogas, sendo uma delas de cada escola. Ambas se encontram na faixa etária de 40 a 50 anos e contam com vasta experiência na educação, com 15 e 23 anos de atuação no magistério, respectivamente. Contudo, na EJA especificamente, a atuação como pedagoga na referida modalidade, as entrevistadas possuem 6 e 10 anos de experiência. Possuem formação superior, conforme apresentada no quadro a seguir:

**QUADRO 2 – Formação das Pedagogas Entrevistadas**

<b>PROFISSIONAL</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>ANO DE CONCLUSÃO</b>
Pedagoga 1	Licenciatura em Artes visuais	2011
	Licenciatura em Pedagogia	2015
Pedagoga 2	Licenciatura em Pedagogia	2007
	Pós-graduação em Educação Especial e inclusiva	2008
	Pós-graduação em Arte na educação	2012

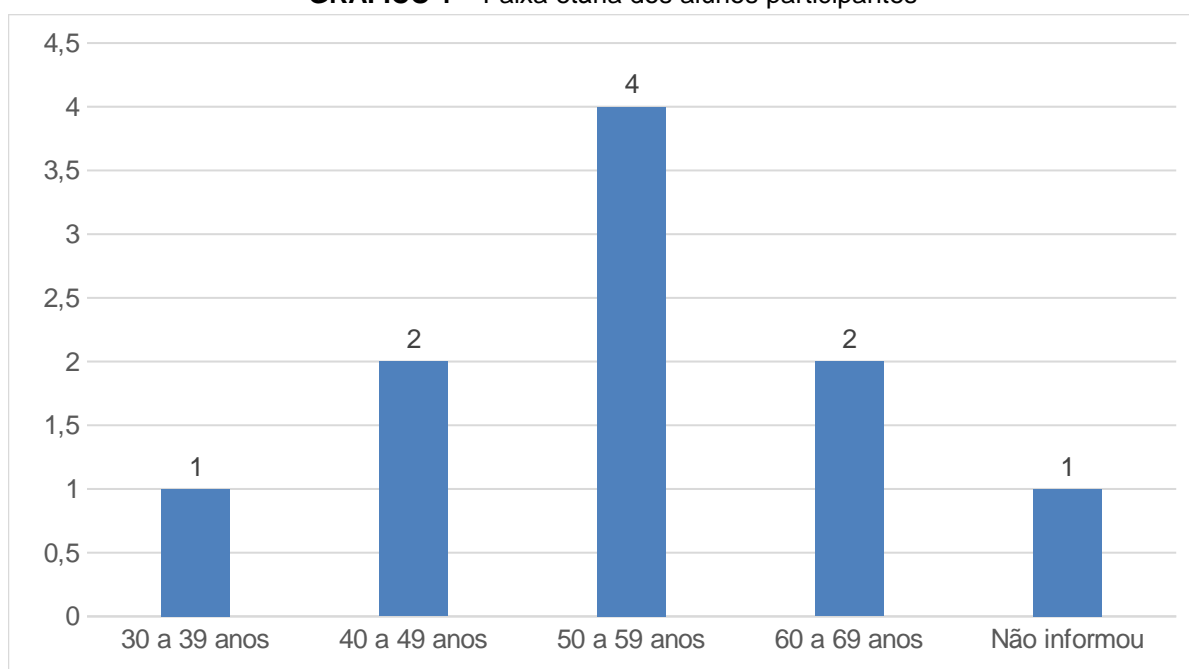
Fonte: Da pesquisa, 2022

Podemos perceber que se tratam de profissionais que possuem conhecimento acerca da temática estudada, podendo contribuir com percepções pertinentes acerca do processo educativo na EJA. Contudo, embora a pedagoga 1 explique ser pós-graduada em gestão e supervisão escolar, a mesma não possui

formação específica para atuação na EJA. Por outro lado, a pedagoga 2 afirma possuir apenas cursos avulsos voltados para o ensino nessa modalidade.

No que concerne aos alunos participantes da pesquisa, foram ouvidos dez sujeitos, sendo cinco destes do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Essas informações serão descritas a seguir, a fim de apresentar quem são os sujeitos inseridos nas instituições estudadas, de acordo com as informações fornecidas pelos mesmos durante a pesquisa:

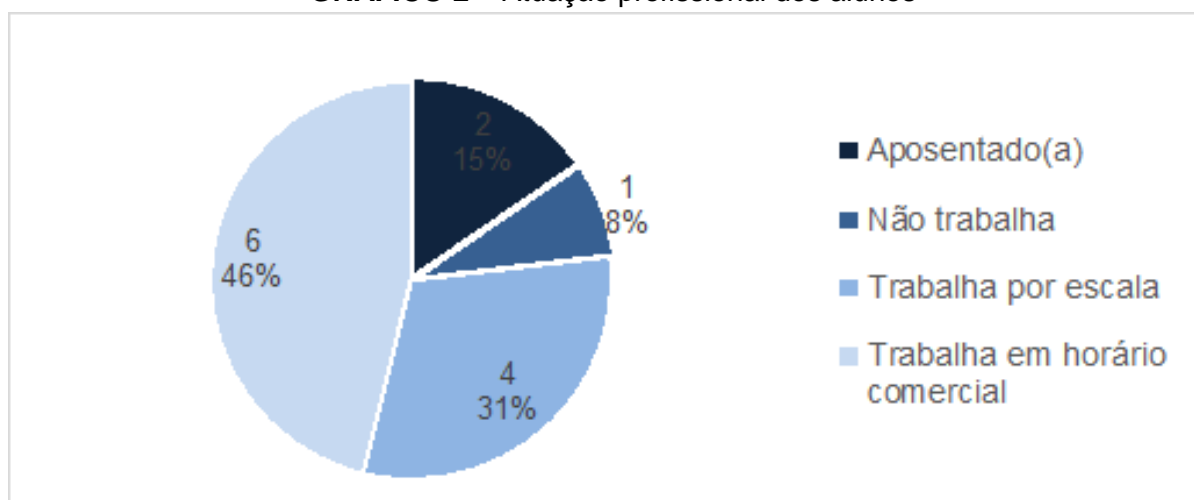
**GRÁFICO 1** – Faixa etária dos alunos participantes



Fonte: Da pesquisa, 2022.

Considerando a idade informada, é necessário enfatizar que todo o ser humano tem vontade de aprender, o que independe da idade, considerando que aprendemos constantemente. Diante do saber, o ser humano se torna capaz de agir e planejar. É preciso enfatizar que todos vão à unidade de ensino para aprender o conhecimento sistematizado acumulado historicamente. Não importa qual o nível social do educando, mas sim quais os desafios que ele está disposto a enfrentar.

Além disso, observamos que a maioria deles se encontra em idade atuante no mercado de trabalho e a pesquisa confirmou essa informação, considerando que dos dez alunos, sete trabalham, como aponta o gráfico a seguir:

**GRÁFICO 2** – Atuação profissional dos alunos

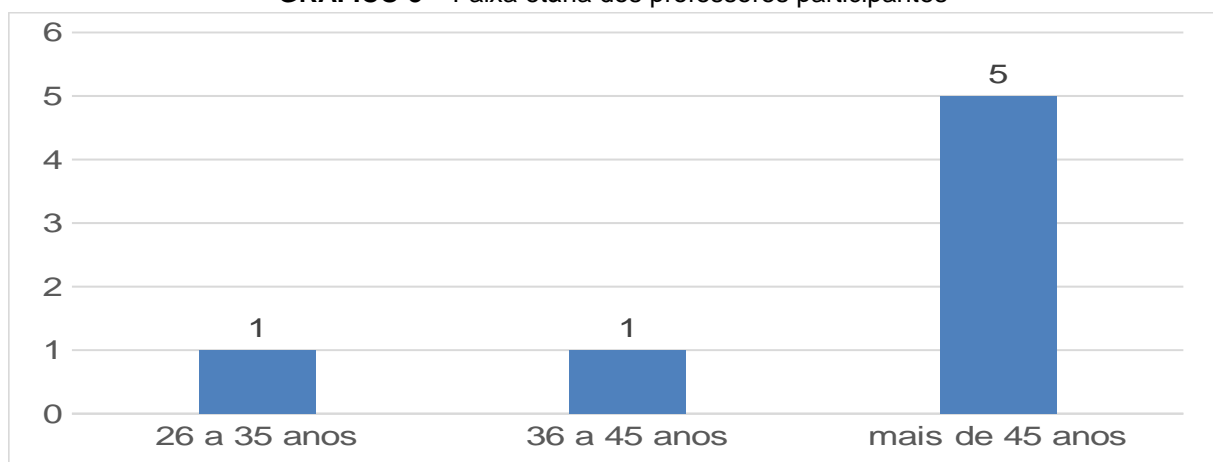
Fonte: Da pesquisa, 2022.

Considerando os professores que foram ouvidos durante o estudo, destacamos que inicialmente havia como sujeitos da pesquisa três profissionais de cada escola, que serão identificados por nomes fictícios. Ao iniciar a pesquisa, no entanto, eram quatro profissionais atuando em uma das instituições, passando para sete o número de sujeitos investigados, todos eles profissionais que atuam no 1º segmento da EJA, no turno noturno, sendo apenas um do sexo masculino, o professor de Educação Física.

Contudo, no decorrer das etapas, uma das participantes recusou-se a dar continuidade, durante a aplicação do questionário utilizado como instrumento de coleta de dados. Dessa forma, algumas das considerações levarão em conta os dados referentes as respostas de apenas seis professores.

A discussão entre saberes da experiência e saberes profissionais ou científicos não é algo que está distante, pois trazem pontos de estudo e investigação, assim como o conflito ou crise de identidade dos professores. No mesmo processo está também a discussão do ser professor e suas competências básicas para desenvolver sua atividade educativa e pedagógica. Nessa perspectiva, buscamos entender o que motivou a opção pela docência, a escolha por se tornar um educador. Sobre isso, o professor de Educação Física destacou sua afinidade esportiva e por projetos sociais, enquanto as outras seis professoras definiram a vocação como motivadora para essa escolha.

Em relação à faixa etária dos profissionais, o gráfico abaixo apresenta a referida informação:

**GRÁFICO 3** – Faixa etária dos professores participantes

Fonte: Da pesquisa, 2022.

Percebemos, que a grande maioria consiste em profissionais com maior idade que apresentam considerável experiência na docência, possuindo contribuições significativas para a pesquisa.

Assim, Libâneo (2001, p. 85) explica que:

[...] a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação [...].

As práticas de formação de professores mais recentes são as que concebem o ensino como atividade reflexiva. Para o autor, o importante nessa filosofia é que o professor pense não apenas em sua formação, mas também no currículo, ensino e metodologia, o que ocasiona o desenvolvimento da capacidade reflexiva deste profissional sobre o seu trabalho.

Buscamos conhecer acerca da formação dos profissionais participantes, para compreender quem são os sujeitos que darão base à investigação, em termos da área de atuação e da jornada educacional e formativa dos mesmos, cujas informações seguem abaixo, listando a graduação e as formações complementares dos docentes, divididos por escola.

**QUADRO 3** – Formação dos professores entrevistados

ESCOLA	FORMAÇÃO INICIAL	PÓS-GRADUAÇÃO
Escola 1	Licenciatura em Pedagogia e Arte	Especialização em Educação Especial
	Licenciatura em Educação Física	Especialização em Educação Especial
	Licenciatura em Pedagogia	Especialização em psicopedagogia

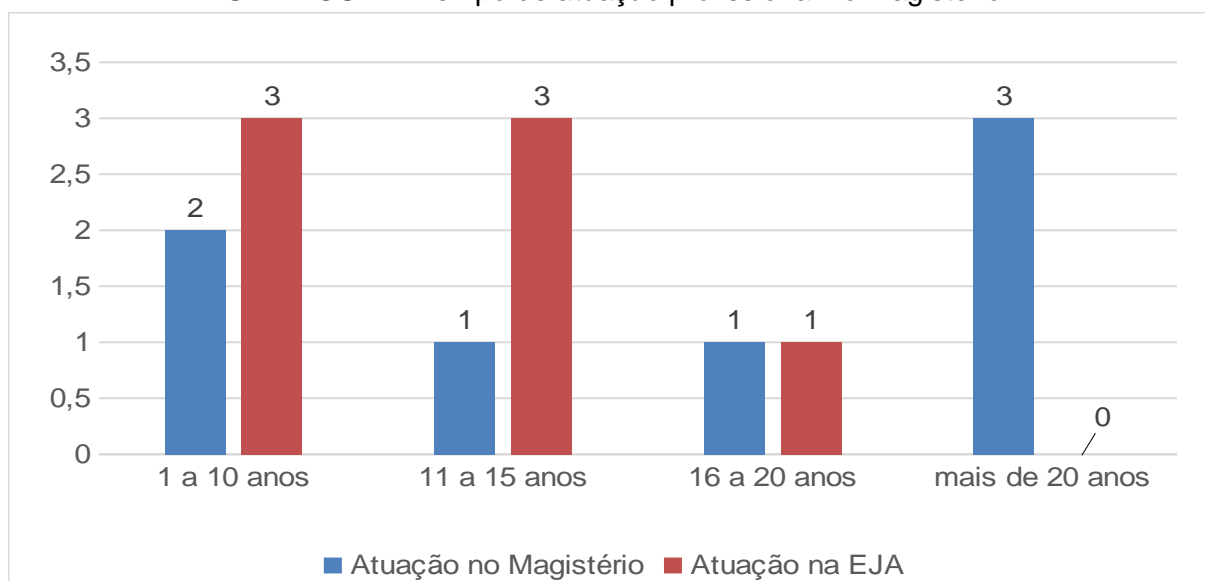


Escola 2	Licenciatura em Pedagogia	Especialização em Arte e séries iniciais
	Licenciatura em Artes visuais	Especialização em psicopedagogia e AEE
	Não informado	Mestrado
	Licenciatura em Letras	Especialização em História e Literatura e EJA

Fonte: Da pesquisa, 2022.

É válido ressaltar que as vivências ao longo da jornada docente interferem nas percepções de cada educador a respeito do processo, pois as inúmeras realidades observadas durante a vida profissional contribuem para a construção das concepções que norteiam a ação pedagógica. Assim, buscamos também saber acerca do tempo de experiência dos sujeitos investigados, tanto na atuação como professor, de modo amplo, quando especificamente na EJA, cujos resultados são apresentados a seguir:

**GRÁFICO 4 – Tempo de atuação profissional no magistério**



Fonte: Da pesquisa, 2022.

Assim, os professores que atuam nas instituições são, em sua maioria, profissionais com ampla experiência, tanto no magistério quanto na EJA, de modo que as percepções construídas durante os longos anos de sala de aula podem ser consideradas confiáveis, pois se tratam de vivências reais de quem tem como parte da própria história a EJA e o fazer docente, capazes de proporcionar uma compreensão de como se dão as práticas e os desafios enfrentados nesse contexto. A seguir, buscamos apresentar esses olhares, apresentando os dados coletados durante a investigação, por meio das observações, conversas e da entrevista.

## 4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS DESAFIOS ENTRE O REAL E O IDEAL

Ensinar exige pesquisa e isso fala da concretude do gesto afetivo vivido como prática pedagógica. Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino: um está intimamente ligado ao outro. Freire (1996) nos coloca que pesquisamos para constatar e constatando, intervimos; intervindo, educamos e educamo-nos. Então, essa relação exige uma atitude afetiva de respeito e qualificação da experiência do educando e o cuidado e desafio à sua capacidade criadora através da consciência crítica: “Pensar certo implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação” (FREIRE, 1999, p. 32-33). Ou seja:

Educar exige respeito aos saberes dos educandos. Respeito é uma dimensão do afeto. Em palavras mais simples, pensar certo exige respeito aos saberes com os quais os educandos chegam à escola e também discutir com eles a razão desses saberes em relação com o ensino de conteúdos. É valorizar e qualificar a experiência dos educandos e aproveitar para discutir os problemas sociais, a realidade concreta a que se deva associar a disciplina, estudar as implicações sociais nefastas do descaso dos mandantes, a ética de classe embutida nesse descaso (idem).

Ao passo disso, é importante refletir sobre essa realidade considerando as afirmações de ambas as pedagogas entrevistadas, que destacam um importante ponto em direção ao sucesso escolar dos sujeitos da EJA e do desempenho profissional dos docentes que atuam nessa modalidade. Trata-se da necessidade de refletir sobre a própria prática diariamente, de analisar se são necessárias modificações metodológicas, adaptações que considerem a realidade do educando:

**QUADRO 4 – O olhar das pedagogas acerca da prática pedagógica na EJA**

<b>PEDAGOGA (HOSANA) EMEF (A)</b>	<b>PEDAGOGA (REJANE) EMEF (B)</b>
“... Repensar sobre a própria prática exige que o profissional se confronte com as formas de agir e articular, com os modos pelos quais as concepções de vida vêm nos incomodando, com esse cenário tempestuoso da nossa educação da EJA. Esse é um processo delicado, pois obrigará o professor a libertar intelectualmente, assim, rever suas práticas pedagógicas diárias e assim sair da mesmice que norteia a atual Educação da EJA”.	Os desafios do real para o ideal na EJA nos fazem refletir para as mudanças que afetam a sociedade afetam a identidade profissional de alguma forma, pois faz-se necessário uma reflexão contínua pertinente a todos os aspectos que envolvem a profissão docente. Os professores exercem um papel importante na formação dos alunos, inclusive em função das suas possibilidades de aprendizagem. Tais profissionais necessitam de atenção pois são eles que auxiliam na melhoria da qualidade de ensino que os alunos recebem.

Fonte: Da pesquisa, 2022.

Vale ressaltar que durante o estudo, as pedagogas foram questionadas sobre quais são os maiores desafios encontrados na sua atuação e ambas destacaram a falta de comprometimento dos professores. Isso porque, muitas das orientações que são dadas não são cumpridas pelos docentes, como a dinamização das aulas, por exemplo, com vistas a um processo educativo mais atrativo e interessante.

Além disso, questionamos acerca do posicionamento teórico que norteia a atuação das pedagogas. Uma delas explicou que sua prática está fundamentada nas legislações que amparam a educação brasileira, tanto no âmbito federal, como a LDB, quanto nos âmbitos estadual e municipal. A outra pedagoga salientou a influência de Freire como direcionador das ações realizadas na EJA, defendendo que se trata de um teórico que defende a educação popular e as demandas das classes trabalhadoras.

Alicerçada nesses pressupostos, através desta pesquisa foi possível compreender como a teoria e a prática favorecem a construção do saber docente, cujo objetivo último é interagir para modificar a formação dos alunos, considerando este processo fundamental para o desempenho profissional. Também foi possível observar que a formação do professor reflexivo é uma alternativa às dificuldades decorrentes de sua formação inicial e continuada para auxiliar em sua vida profissional.

Acerca das práticas dos professores orientados durante o planejamento, ambas as pedagogas afirmaram que auxiliam com orientações, sugestões e disponibilizando recursos que podem ajudar, tanto o professor quando o aluno durante o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, as duas profissionais afirmam que diante de situações específicas que exigem intervenções de forma específica, a postura assumida é a do trabalho em conjunto, buscando auxiliar o docente na busca por soluções e estratégias para resolver ou minimizar tais problemas.

Contudo, as pedagogas lembram que a falta de recursos é uma realidade, o que dificulta o trabalho, pois exige que o próprio professor disponha de recursos financeiros próprios para providenciar os mesmos e isso nem sempre é possível. Sobre os livros didáticos, ambas concordam também que não são adequados à realidade do aluno e na maioria das vezes é o professor quem providencia os materiais necessários para as aulas.

Pensando na realidade dos alunos, as pedagogas corroboram com o que é exposto no decorrer da construção teórica desta pesquisa, afirmando que buscam conhecer o contexto socioeconômico dos educandos a fim de promover um ensino que faça sentido, e que se mostre necessário e importante e destacam que o processo de alfabetização exige que ocorram adaptações de acordo com tais aspectos para promover bons resultados. Além disso, reforçam que não há possibilidade de padronizar o ensino com um método único, pois os educandos são sujeitos singulares, com diferenças que interferem na maneira de aprender.

Por fim, as profissionais apresentaram, com base nas suas experiências, alguns fatores que acreditam que trariam impactos positivos à alfabetização na EJA, como maior empenho e comprometimento dos profissionais que atuam nessa modalidade e a ampliação de investimentos voltados à aquisição de materiais adequados para as aulas.

Assim, percebemos que embora a EJA seja defendida como importante e representa uma oportunidade para muitas pessoas que tiveram seu direito à educação negado, ainda é necessário que haja maior valorização dessa modalidade, atribuindo maior atenção e estabelecendo objetivos claros para garantir que seja reestabelecido aquilo que é garantido a todo cidadão, que é o acesso à educação de qualidade.

#### 4.3 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃOES: VÁRIAS FORMAS DE ALAVANCAR A EJA

Existe atualmente um volume considerável de pesquisas que indicam que a qualidade dos professores e de seu ensino é o fator mais importante para explicar os resultados dos alunos, porém, apesar de importante, este não é o único fator que garante bons resultados de aprendizagem aos alunos. De acordo com os entrevistados, “processo de aprendizagem vão além da exposição dos conteúdos, podendo ir de encontro às potencialidades de cada indivíduo, seus sentimentos e suas necessidades. A educação também necessita da participação da família e da sociedade onde o aluno está inserido” (Prof.<sup>a</sup> Rosa; I, REDE MUNICIPAL). Isso, além da ideia de que “[...] hoje em dia a família se esquece da sua função de educar, deixando os jovens à deriva, à margem e, assim, joga toda responsabilidade nas mãos da escola, dificultando o trabalho do professor” (Prof.<sup>a</sup> Marcela; II, ESCOLA MUNICIPAL). Nesse sentido, Veiga *et al.* (2000) destacam que os problemas da

educação são sociais, havendo, primordialmente a necessidade de mudança da sociedade ao invés de apenas mudar a educação em si. Esses desafios resultam numa definição quanto ao objetivo da educação.

Sobre o assunto, os entrevistados disseram que as características básicas para um professor exercer sua função de ensinar com mais excelência estão ligadas à criatividade, ao dinamismo, ao professor ser também um leitor/pesquisador, afetividade, coerência, estar atento às mudanças, conhecer a realidade social e cultural dos alunos, utilizar diversas estratégias de avaliação e metodologias variadas para ensinar, assim como variados recursos materiais, entre outras.

Nesse sentido, Gadotti (2000, p. 9) nos diz que, ser professor na atualidade, é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e sem filósofos. O autor ainda complementa que:

Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber (não dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso, eles são imprescindíveis (GADOTTI; ROMÃO, 2000, p. 9).

Convergindo com a discussão Freire (2002, p. 68) no que diz que: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Corroborando a fala de Freire, uma das entrevistadas responde da seguinte forma: “estou realizada e satisfeita com a minha formação, e para melhorar a cada dia que se passa estou aprendendo mais com o próximo, pois não existe receita para ser regente de sala” (Professora Márcia; IV REDE MUNICIPAL), trazendo indícios de que a educação na “vida real” é exatamente assim, uma troca de experiências entre professor e aluno. O professor ensina o que sabe (conteúdos curriculares) e aprende com o aluno (bagagem cultural).

Diante dos resultados das nossas entrevistas, notamos certa preocupação com relação ao exercício do magistério, às formas para tornar a docência uma profissão atraente, como manter melhores professores no ensino e como conseguir que os professores continuem aprendendo ao longo de sua carreira e, até mesmo, como será o exercício dessa profissão futuramente, diante da violência que temos

enfrentado dentro das escolas, provenientes de alunos para com os professores, e também partindo de professores para os alunos. Somam-se a isso a desvalorização profissional, más condições de trabalho e de recursos materiais, assim como a má formação do magistério.

Nesse sentido, um relato de uma das entrevistadas nos chamou a atenção. Segundo a prof.<sup>a</sup> Mônica (III REDE MUNICIPAL), a rede na qual ela trabalha não garante possibilidades de qualificação profissional, não há incentivos nem facilidades com relação à flexibilidade de horário de trabalho para que o profissional possa se desenvolver intelectualmente, ou seja, se o professor desejar fazer um curso de mestrado, por exemplo, enfrentará uma série de burocracias pela frente, sendo que determinada especialização só traria benefícios para a clientela do respectivo profissional. Diante de tanta dificuldade imposta pelo sistema, muitos profissionais abrem mão de se especializarem mais e constroem uma bagagem cultural e intelectual que melhoraria a sua prática e contribuiria com o desenvolvimento da sociedade.

A profissão dos professores depende, em grande medida, da sua capacidade de construir um corpo de saber que garanta sua autonomia perante o Estado, não no sentido da conquista da soberania na sala de aula, mas antes no sentido da criação de novas culturas profissionais de colaboração (FREITAS, 2005, p. 62).

O desafio maior é de desenvolver processos que ajudem a situar a profissão docente como uma profissão do conhecimento, compreendida com o direito de aprender do aluno. Não se trata de esperar que as mudanças batam à porta das escolas; e nem de introduzir computadores nas escolas como sinal de modernidade, a docência como profissão precisa rever-se e reconstruir-se para continuar cumprindo os compromissos morais que veio desenvolvendo ao longo do tempo, assegurando o direito de aprender de todos os alunos (Prof<sup>a</sup> Márcia).

A profissão docente encontra-se numa encruzilhada que deve resolver dando respostas incentivadoras e sanar as vacâncias que a educação tem apresentado em nossos dias. Lembrando sempre dos direitos fundamentais: o direito de aprender de todos os alunos (Prof<sup>a</sup> Carla; V REDE MUNICIPAL).

A vida do professor é uma angústia constante, sempre estamos numa contramão, de um lado o sistema que nos cobra o tempo todo e de outro lado os alunos que na sua maioria estão desmotivados, cansados e alguns sem nenhuma perspectiva de vida (Prof<sup>a</sup> Graça; VI REDE MUNICIPAL).

#### 4.4 EDUCAÇÃO CRISTALIZADA E ENGESSADA: PROFISSIONAIS QUE LUTAM PELAS RUPTURAS

Hodiernamente, as pessoas estão voltadas para uma valorização humana resgatando seus valores, inclusive a EJA que vem ocupando seu espaço no seio da sociedade escolar, despertando assim uma consciência mais crítica, tendo uma visão mais ampla sobre a educação escolar, aproveitando as oportunidades que estão sendo oferecidas, que vem a ser uma aprendizagem nova.

Essa aprendizagem se dá a partir do momento em que o aluno passa a entender uma leitura e a interpretação do seu contexto, desenvolve pesquisa didática em que seja feita uma interpretação para que o aluno possa absorver tal compreensão. Nesse sentido:

Jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos. Exatamente assim é que vejo os professores e os alunos, serem com alma, sonhos, emoções e desejos, ávidos por ensinar e aprender (FREIRE, 1979, p. 145).

A interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, pois:

O indivíduo não nasce pronto nem é cópia do ambiente externo. Em sua evolução intelectual há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e influências do mundo social. A interação social é essencial para a transformação do homem de ser biológico em ser humano (VYGOTSKY, 1984, p. 191).

Os jovens e os adultos reconhecem o quanto é importante ter um espaço em que se possa falar a mesma linguagem para todos e este passa a construir momentos especiais em suas vidas com a devida autoestima de cidadão colaborativo e responsável pelos seus direitos e deveres, na sociedade em que está inserido.

Desenvolver uma prática pedagógica para estimular um grupo de jovens e adultos requer uma articulação investigativa por parte dos educadores, pois o educando às vezes se sente neutro diante dos livros, mesmo sabendo que a educação é um processo cognitivo e sensorial que envolve o contato com o mundo sonoro e a percepção rítmica, melódica e harmônica. Aqueles esperam que isso

venha a ocorrer sem grandes complicações por meio de um modo sistematizado por intermédio da orientação de um profissional.

Quando temos a oportunidade de relacionar a teoria que estudamos com a prática da alfabetização e ver o momento exato do desenvolvimento e o exercício do raciocínio, isso nos enaltece como educador, pois percebemos o quanto a educação está carente de profissionais que realmente queiram dar o melhor de si.

Procuramos dar maior significado à aprendizagem e despertar cada vez mais o interesse pelo conhecimento. Com isso mediamos os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos.

Tivemos a oportunidade de acompanhar as atividades da disciplina com a temática popular que proporcionou um processo prazeroso para o desenvolvimento do aluno, garantindo a participação e a integração de educadores e educandos na construção do conhecimento.

Notamos que além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre, podendo ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividade física e reduzindo a tensão em momentos de avaliação, as várias estratégias podem ser usadas como um recurso no aprendizado de diversas disciplinas.

Considerando de extrema importância a inclusão de novos paradigmas no processo educativo, temos consciência de que ela deve ser usada como linguagem e suporte para novas aprendizagens de conteúdos sistematizados. A educação sistematizada vem como um processo prazeroso para o desenvolvimento do ser humano, garantindo a participação e a integração de educadores e educandos na construção do conhecimento.

Reconhecer e considerar, por exemplo, o gosto musical dos alunos no processo educativo não pode significar, de forma alguma, restringir o ensino aos alunos. É na relação dialética entre o patrimônio musical da humanidade e o artístico dos alunos que o professor deve buscar os caminhos para tematizar o ensino na escola de forma prazerosa. Diante da variedade da qual estamos expostos, certamente os alunos vão preferir esse ou aquele ritmo de acordo com a sua predileção. Contudo, deve ser lembrado sempre que o diálogo tem um espaço de grande dimensão na sociedade, o que varia de acordo com a preferência de cada um, tendo em vista que é construído historicamente na relação com o contexto cultural.



É preciso resgatar a cor, o movimento e o lúdico, se desejamos romper com este cenário tempestuoso no qual se encontra a educação. Ainda assim, vale ressaltar que conseguimos apresentar nosso trabalho e vivenciarmos situações jamais vividas antes. E que é de grande importância estes encontros, pois podemos atrelar a teoria à prática, facilitando assim a nossa aprendizagem.

Por esta razão, fica aqui a sugestão para que os professores que atuam nesta área de conhecimento façam cursos de formação continuada, inovando conhecimentos, visto que através dessa formação descobrem-se novos pontos de partida inovando suas práticas, pois essa prática também pode e deve ser mudada.

#### 4.5 ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

É sabido que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda é um grande desafio no contexto sócio-histórico do Brasil, embora já existam vários avanços e conquistas nessa modalidade, pautada no reconhecimento e na valorização das diversidades. Entretanto, ainda há muito que se fazer para aproximação entre o ideal e o real, para que as trocas pedagógicas venham fomentar e fortalecer a autoestima tanto do educando quanto do educador e para que, sobretudo, tenhamos uma conscientização que uma unidade de ensino não é apenas um lugar de reprodução de conhecimento acumulado pela sociedade, mas um ambiente em que encorajamos para exercitar muito mais do que a leitura e escrita. A instituição de ensino na verdade é um ambiente que oportuniza exercitar nosso caráter, nossa concepção filosófica, para formar cidadãos críticos capazes de intervir e serem autores da sua própria história.

Segundo Soares:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada do aluno (a) (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividade de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2003, p. 15).

Diante disso, a aprendizagem de mundo não é somente para o aluno, os professores também precisam se conscientizarem de que cada aula é uma nova experiência e que o professor tanto ensina quanto aprende. Para tanto, sempre haverá os relatos das experimentações e vivências dos alfabetizandos, quais os tipos de educação sistemática dos quais eles gostam, planejar dentro do que dá sabor de aprender e ainda: por que não usar as várias vertentes como ferramenta pedagógica para a intervenção da alfabetização?

Dessa forma, o educando conseguiria fugir do reducionismo, da prática pedagógica calcada na memorização fria e estérea. É substancial o espírito investigativo e questionador dos educandos e também dos educadores. O profissional da educação é um ser de uma *práxis*. Na sua atividade, ele traduz o confronto ou a unidade entre a teoria e prática. A formação do profissional e os seus valores adquiridos na vida e o seu compromisso com a educação fazem com que o mesmo se torne de grande valia para a construção de sujeito de transformações. Temos que romper com modelos de ensino cujas metas sejam a de ensinar como a de transferir conhecimento, o processo educativo na realidade se dá a partir da consciência da inclusão do ser humano, o que torna possível a aceitação do diferente.

Segundo Freire (1983, p. 11):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

Quando falamos em EJA, percebemos sua presença nas famílias, no trabalho e em toda sociedade, mas são nas unidades de ensino que a Educação Continuada tem sido um elemento de transformação da sociedade e é onde se deve oferecer condições e estímulos dos mais variados possíveis para que o educando possa agir de modo independente e autônomo, para enfrentar situações de conflitos das mais diversas, apropriando-se dos valores que o transformará como sujeito da sua história. Nós, seres humanos sempre estamos ultrapassando nossos limites, estamos sempre em constantes mudanças. Temos o poder de determinar e planejar nossas vidas. Somos os únicos que pensamos e isso nos diferencia de todas as outras espécies. Partindo deste princípio, os educadores têm a incumbência de possibilitar aos alunos o contato e o possível engajamento em movimentos

comprometidos com a defesa da vida e da cidadania. É dever do professor de transformar o espaço formativo numa oportunidade de desenvolver valores que priorizem a formação de um caráter que garanta a qualidade de vida do educando e também da comunidade, na qual ele está inserido.

É válido afirmar que a unidade de ensino como mediadora do conhecimento tem a obrigação de articular as ideias de forma que se crie um ambiente acolhedor; nas reuniões pedagógicas e formações continuadas devem ter um olhar mais humano e crítico para estas questões relevantes, com a inserções de valores e de comprometimento com mudanças positivas e de conscientização da importância dos momentos de reflexão. Diante disso, também trabalhar de forma prazerosa as relevâncias de se formar cidadãos críticos.

Conforme Goulart:

[...] alfabetizar é menos impor modelos que permitir que o sujeito desenvolva sua forma de captar o simbólico social nos textos (e aí está incluído o sistema de escrita), a partir de sua subjetividade, com a sua marca, a sua assinatura. A construção da identidade individual no processo de produção de textos parece estar fundada na construção da identidade social (GOULART, 2001, p. 106).

Dentro do nosso contexto histórico, no caos da formação profissional, pessoas analfabetas ainda são inúmeras, o que vem se arrastando há décadas. As devidas formações não acompanham o crescimento desenfreado de indústrias do Brasil. Com isso, causando um grande reflexo negativo na economia do nosso país. Diante desse quadro ficam à deriva famílias e mais famílias, sem ser oportunizadas por uma educação de qualidade. Logo, nortear o saber e investir mais na educação seriam propostas relevantes para que se tenha um equilíbrio melhor desta desigualdade social.

Conforme Pierro, Joia e Ribeiro:

Concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que já se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo (PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001, p. 136-137).

Na contemporaneidade a EJA vem adquirindo novo sentido, fruto das práticas que se vão fazendo nos espaços da sociedade propícios à educação e interação dos valores. Assim desenvolvida, legitima-se por meio de ordenações jurídicas, de acordos firmados e aprovados pelas instâncias de representação que conformam as

normas da ordem social. Porém, é preciso que haja mais interesse do poder Público, ações feitas em conjuntos que contribuam de forma positiva para esse despertar.

Segundo Dias:

Já foi comprovado que, na prática, as pessoas se sentem mais à vontade e costumam externar suas motivações para seus semelhantes, pessoas que passam pelas mesmas situações e experimentam os mesmos sentimentos, ao invés de tentarem fazer com que um entrevistador, um “estranho”, entenda seus pontos de vista (DIAS, 2003, p. 8 grifo do autor).

E neste momento que o educador deve atrelar à teoria a prática, lembrar sempre que nem todo plano tem que dar certo, mas não devemos em hipótese alguma esquecer de que o planejamento é fundamental para o sucesso e desenvoltura das aulas. Sabemos que o plano é flexível e pode ser reorganizado e repensado, tudo varia de acordo com a clientela e de como este conteúdo esteja sendo ministrado. Por isso fica aqui a sugestão da ruptura para a contextualização desse momento enriquecedor tanto para o educador quanto o educando.

#### 4.6 A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DIRETAMENTE NAS ESCOLHAS DOS CONTEÚDOS E SUAS RELEVÂNCIAS

Desenvolver uma prática que revele aos alunos da Educação de Jovens e Adultos uma compreensão na visão prática um eixo de fácil compreensão para o acesso pedagógico da escola e os textos escolares não é tarefa fácil. A oralidade em conjunto ajuda a conquistar a confiança de interpretar dentro dos padrões metodológicos de ensino.

Para aqueles que deixaram de estudar na idade correta, sua alfabetização se depara com as dificuldades, necessitando de trabalho, resgatando a sua autoestima, pois sem ter uma profissão suas vidas financeiras ficam complicadas, muitos caem no mundo das drogas. E em muitos casos compreender esse processo de dificuldade de aprendizagem com os alunos da EJA não é fácil.

Segundo Paulo Freire:

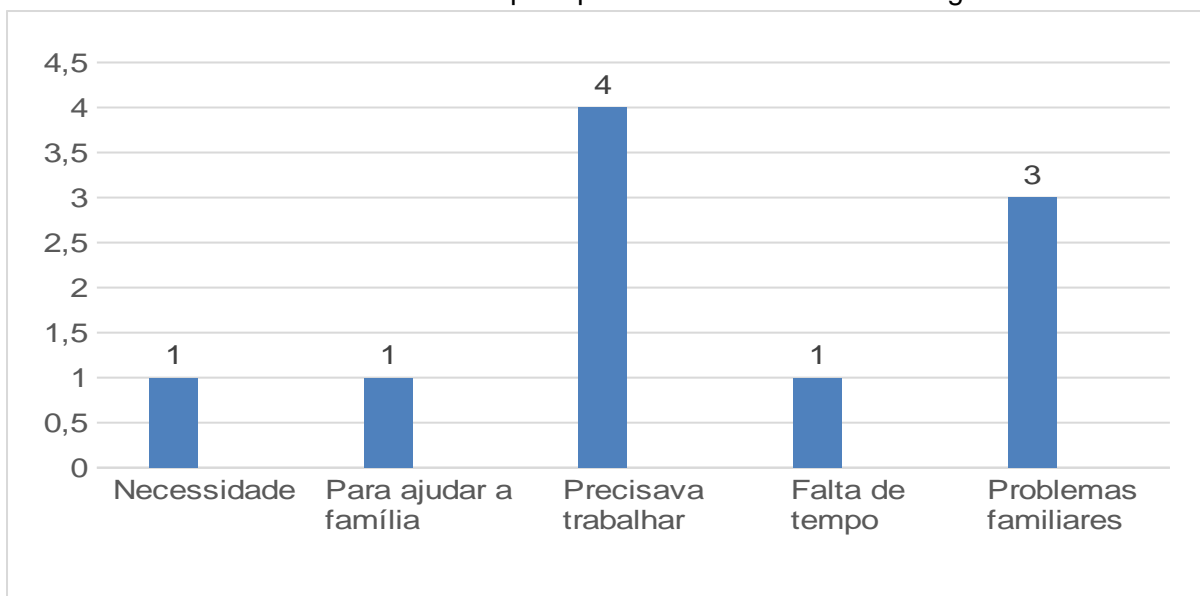
A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 1998 p. 110).

Podemos afirmar que a motivação e aprendizagem estão atreladas assim com a teoria e a prática. Podemos ainda dizer que motivação é tudo aquilo que está por trás de nossos comportamentos, pois se achamos que somos capazes de fazer uma coisa bem-feita, certamente, teremos confiança em nosso desempenho e conseguiremos realizá-la.

Yus (2002) complementa este pensamento afirmando que essa fragmentação passou a afetar todas as esferas da vida humana. Isso refletiu não só na vida econômica, mas social, pessoal e, principalmente, nas áreas da cultura e da educação. A escola, cada vez mais fragmentada e hierarquizada, passa a exigir cada vez mais professores especializados, por conseguinte, campos do conhecimento desconectados. De acordo com Martínez, os diferentes sistemas de ensino, de maneira geral, são concebidos visando à apropriação de conhecimentos e habilidades, “não para desenvolver integralmente a personalidade, nem para formar indivíduos criativos”. A mesma autora ainda propõe que o sistema de ensino deve possuir “caráter produtivo (não reprodutivo), voltado não só para a apropriação de conhecimentos e estratégias de ação cognitiva, mas, também, para o desenvolvimento de recursos psicológicos essenciais” (MARTÍNEZ, 1997, p.?).

#### 4.7 POR UMA EJA COM DIGNIDADE E RESPEITO PELAS DIVERSIDADES

A diversidade de histórias e vivências dos alunos da EJA consiste em uma característica importante a ser considerada na prática do educador. A realidade dos educandos reflete diretamente no seu histórico educacional, pois as oportunidades e o contexto social que foram referências durante a infância estabelecem relação com o abandono da escola na idade própria. Por isso, questionamos aos alunos sobre os motivos que os fizeram parar de estudar enquanto crianças, cujos dados são apresentados a seguir:

**GRÁFICO 5 – Motivos para parar de estudar na idade regular**

Fonte: Da pesquisa, 2022.

Como ilustra o gráfico, a necessidade de assumir responsabilidades durante a infância foi o grande motivador para o afastamento dos alunos da escola na idade própria, considerando que ao mencionarem “necessidade”, “falta de tempo”, “ajudar a família” e “precisar trabalhar” como os motivos para esse abandono, os alunos apresentam realidades similares, onde as crianças passaram a assumir funções diferentes do que se espera ao considerarmos a faixa etária envolvida, enquanto a educação passou a assumir um espaço de menor relevância.

Além disso, os problemas familiares também foram apontados como influenciadores nesse processo, destacando a afirmativa de um dos entrevistados, que afirmou que o “pai dizia que não era necessário estudar”, expondo a falta de incentivo e prioridade no desenvolvimento intelectual, que muitas vezes associavam a oportunidade de estudar aos “filhos dos ricos”, já que segundo a realidade que vivenciavam era mais importante preparar os filhos para as funções de trabalho, pois como Chagas (2020) explica, os sujeitos da EJA carregam consigo a realidade de exclusão que atinge a classe proletária.

É preciso refletir sobre as relações sociais construídas dentro da lógica e procurar entender as atitudes que viabilizam as oportunidades de superação, visto que cada ser humano é único e inacabado. Caso contrário se estabelece a apatia ali presente, que já vem do núcleo familiar.

É no seio familiar que o ser humano tem o seu primeiro contato com o mundo e pode interferir para melhor ou pior na formação da personalidade e no caráter do

ser humano dentro da sociedade. É comum vermos choque de culturas no lar em que determinados momentos a família é extremamente tradicional e na unidade de ensino a tendência pedagógica se volta para uma ação libertadora, é neste momento que o educando em alguns casos tem dificuldade de confrontar esta realidade. Portanto, é de extrema importância que a comunidade da unidade de ensino esteja atrelada diretamente com a família. Toda unidade de ensino tem que ter o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) para que se tenha sempre uma reflexão coletiva, este documento que a escola conhecerá melhor a comunidade na qual a unidade de ensino está inserida, facilitando assim a principal meta e os objetivos da unidade de ensino que é: o saber, a autonomia, a formação de cidadãos críticos e uma interação maior com as famílias, com estas informações precisas é mais viável fazer uma intervenção pedagógica. Afinal, todo ser humano tem o direito a uma educação de qualidade.

Gokhale, por exemplo:

[...] acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto... A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOKHALE, 1980 *apud* PEQUENO, 2010 p.?).

Não existe mais um modelo de família único. É comum presenciarmos mães cuidando de lares sozinhas, pais solteiros, família consanguínea, família punaluana, família sindiásmica, família substituta e a família patriarcal; família que são de relações homoafetivas e finalmente a família monogâmica e, independentemente do modelo da família do qual o educando está inserido, é dela que advém sua primeira educação, suas repressões dos desejos, suas frustrações, seu primeiro contato com a linguagem e, lamentavelmente, em muitos casos suas primeiras experiências de problemas sociais. Sobre isso, a escritora americana White diz que para esses alunos são necessários métodos educativos específicos nos seguintes termos:

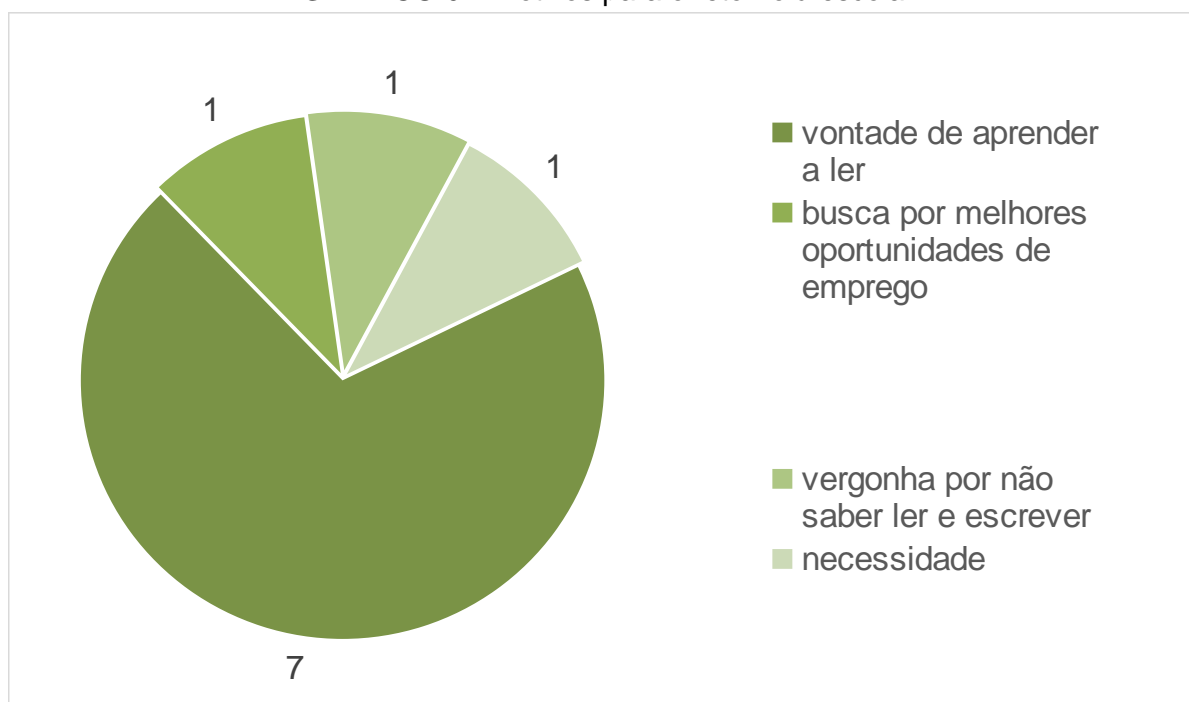
Há alguns jovens que necessitam, mais do que outros, de disciplina paciente e benévolo ensino. Receberam como legado traços de caráter não promissores e, por causa disto, necessitam de mais simpatia e amor. [...] Podem possuir faculdades não desenvolvidas, as quais, despertadas, habilitá-los-ão a preencher lugares muito antes do que aqueles de quem mais se esperou (WHITE, 1975, p. 207).

Sendo assim, educar é um ato de amor, ser exemplo de superação não é fácil e isso advém do contexto no qual cada educando está inserido. Por isso é de grande valia a formação de cada educador. A formação continuada é a ponte que interliga os seus saberes com os novos saberes, estamos em um momento no qual a educação se renova a cada dia. E não podemos esquecer que somos seres inacabados. E o educador tem a obrigação de acompanhar estes avanços, pois se isso não acontecer, o mesmo será apenas vendedor de horas. E educar vai muito além do que simplesmente isso.

A educação é uma forma de se intervir no mundo, dentro desta linha de pensamento de Freire, que fala de educação como intervenção. Ele se refere a mudanças reais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, a terra, a educação, a saúde, com referência à situação no Brasil e noutros países da América Latina (FREIRE, 2000, *apud* ROCHA; MACEDO, 2002 p.?).

Todo o ser humano tem vontade de aprender, o que independe da idade, até porque a vida é uma constante aprendizagem. Diante do saber, o ser humano se torna capaz de agir e planejar. Assim, perguntamos aos alunos quais os motivos que os levaram a retornar à escola na idade adulta.

**GRÁFICO 6 – Motivos para o retorno à escola**



Fonte: Da pesquisa, 2022.



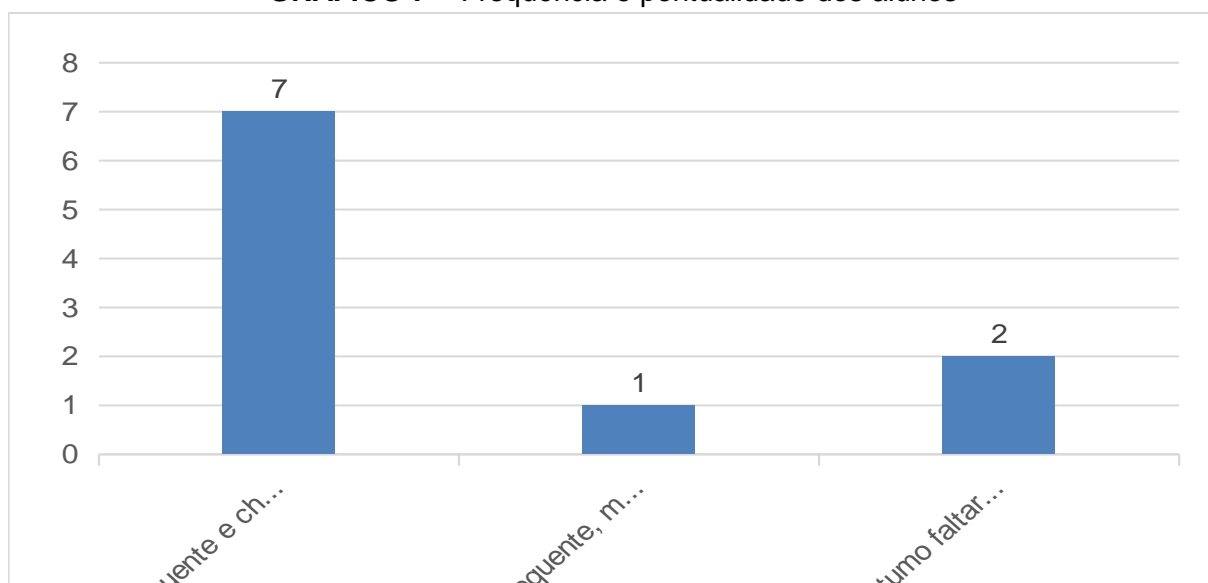
É preciso enfatizar que todos vão à unidade de ensino para aprender o que não sabem, e para que todos democraticamente tenham acesso a certa compreensão de mundo. Não importa qual o nível social do educando, mas sim quais os desafios que ele está disposto a enfrentar. Nesse sentido, apesar das dificuldades que têm em conciliar as funções de casa, família, trabalho e toda a carga de responsabilidades da vida adulta com os estudos, 70% dos entrevistados, ou seja, sete deles afirmam não terem dificuldades para se manterem na escola, pois ao contrário do que a maioria dos alunos em fase escolar, o sujeito da EJA tem estabelecido um objetivo próprio que o fez enfrentar os desafios desse processo para concluir essa etapa e buscar “recuperar o tempo perdido”.

Vale lembrar que um dos entrevistados apontou como motivo para o retorno à escola a vergonha por não saber ler e escrever. É comum presenciar relatos de pessoas não alfabetizadas que expõe situações de constrangimento ocasionadas pelo analfabetismo, fato também relatado por 60% dos alunos participantes (seis deles).

Sobre isso, Dos Santos e Sobrinho (2021, p. 91) explicam que:

O fato de não saber ler uma simples receita, pegar o ônibus, usar meios digitais, ou mesmo ter dificuldades de consumo em função de tais deficiências, denunciam que, dentre tantos motivos, a desigualdade econômica se constitui como o problema a ser superado, para que todos, independentemente de sua condição socioeducacional, possam ter dignidade. Ser analfabeto não é um defeito, mas um problema social a ser encarado por toda sociedade; em especial, pelo Estado que, por força de lei, tem a obrigação de garantir o acesso à educação para todos.

Assim, para as pessoas que veem na educação uma possibilidade de inclusão social, torna-se uma realização conseguir superar as dificuldades. Essa motivação pode ser observada também na frequência e pontualidade dos alunos participantes da pesquisa, pois questionados sobre esses aspectos, apresentaram as seguintes informações:

**GRÁFICO 7 – Frequência e pontualidade dos alunos**

Fonte: Da pesquisa, 2022.

Contudo, embora os alunos sujeitos desta pesquisa, em sua maioria, afirmem serem pontuais, uma das dificuldades mencionadas por todos os docentes entrevistados é a baixa assiduidade dos educandos, que reflete tanto na aprendizagem, quanto na organização das aulas, já que as constantes faltas atrasam e impedem o aluno de apresentar os resultados buscados e, diante da necessidade de garantir que o aluno, de fato, aprenda é preciso retomar ao que já foi ensinado ao invés de avançar.

Diante disso, a escolarização na fase adulta precisa ser conciliada com outras responsabilidades, o que causa desgaste físico e emocional. Apesar disso, quando o aluno se sente motivado e vê no processo educativo uma experiência prazerosa, busca superar os obstáculos para atingir seus objetivos.

É nesse momento crucial que o educador deve fazer suas intervenções, articular as ideias educativas, criar um ambiente acolhedor, tem que ter uma intervenção com significância, porque é nesse momento que o educador constrói suas hipóteses. Não queremos afirmar aqui que o professor sozinho acabe com o analfabetismo, mas de posse de contribuições de formações continuadas, estudos dirigidos, valorização profissional, com certeza ele dará uma contribuição bem mais significativa para esta situação que vem afligindo nossa sociedade.

Nesse sentido, os professores sujeitos deste estudo têm a preocupação em promover um ensino que seja relevante, tenha significado e estabeleça relação com o contexto do aluno, suas histórias, suas necessidades e particularidades e todos os

demais aspectos que vão além do ato de lecionar, mas envolvem fatores intrínsecos ao ser humano, ao aluno como sujeito social. Isso é observado nas afirmações realizadas pelos docentes durante a pesquisa, onde mencionam a preocupação de realizar adaptações e adequações de metodologias, recursos e a percepção de que o contexto social representa um aspecto a ser considerado.

Além disso, ao serem questionados se a prática pedagógica se baseia em algum direcionamento teórico específico, uma das professoras afirmou ter como fundamentação as concepções de Paulo Freire, enquanto os demais explicaram que trabalham conforme a realidade dos educandos. Interessante notar que mesmo que inconscientemente, esses profissionais atuam de modo alinhado ao que Freire propõe, considerando que ao considerar a própria vivência do aluno no processo de construção do conhecimento não se resgata apenas a importância da relação professor-aluno, mas a importância do papel individual de cada um deles. Por esse motivo,

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-linguístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sociocultural, política e técnica (FREIRE, 1996, p. 60).

Ao passo disso, retomamos a necessidade de compreender os educandos em seus amplos aspectos, de modo que seja possível promover uma prática pedagógica capaz de formar e transformar. Nesse sentido, questionamos se os docentes acreditam na possibilidade de utilizar um método único para trabalhar na EJA e foram unânimes na afirmação de que não acreditam ser possível trabalhar dessa maneira, considerando que cada aluno tem suas potencialidades e dificuldades, formas de aprender e modos de pensar, aspectos que interferem na aprendizagem e que precisam ser considerados para que os objetivos sejam alcançados.

#### 4.8 PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EJA

A educação de jovens e adultos vem se destacando, sendo uma das alternativas de grande potencial para uma melhoria de vida na sociedade e também na família. Sobre isso, os professores ouvidos no estudo, ao serem questionados

sobre suas percepções acerca da EJA, destacaram o papel dessa modalidade como um meio de transformação social, encarada como uma oportunidade para estudar, superando as dificuldades enfrentadas ao longo da vida. Além disso, um dos professores enfatizou a visão de que os sujeitos envolvidos nesse processo se caracterizam como fragilizados, sendo estas pessoas que passaram por situações que geralmente tem relação direta com questões sociais que os impediram de ter acesso à educação formal.

Nesse contexto, o professor, como mediador do processo de ensino, propicia uma prática questionadora nos alunos, contribuindo para que o mesmo se torne também questionador, crítico, e assim não será um mero expectador de aulas, que tenta absorver conteúdos, porque aprende a buscar informações, interrogá-las e aos poucos se transforma em cidadão autônomo.

Contudo, o docente que atua na EJA tem como desafio desempenhar suas funções com recursos escassos, como foi lembrado pelos docentes entrevistados, que destacam a necessidade de produzir os materiais e recursos que utilizam, já que não há disponibilidade preparados especificamente para a modalidade.

Além disso, esses profissionais citaram também alguns recursos utilizados como estratégias de ensino, como forma de facilitar a aprendizagem a partir das adaptações, muitas delas, pensadas de maneira individualizada, conforme as demandas apresentadas pelos educandos, em sua singularidade. Entre esses recursos, foram citados *chromebook* e laboratório de informática para realização de pesquisas, bem como estratégias a preparação de apostilas que têm relação com a realidade dos educandos, propostas envolvendo jogos, entrevistas e debates, utilização de materiais concretos e atividades práticas.

Hoje, as escolas estão preocupadas com o aluno, buscando profissionais que façam uma interação com seus alunos tornando-as mais flexíveis. Elas não querem mais se preocupar somente com planejamento, mas também com a autonomia do aluno na coletividade. A educação na atualidade se apresenta como um campo de conhecimento onde as relações de ideologia e a prática vivida se articulam em um campo de conhecimento refletido em uma concepção não mais distanciada e estanque da realidade escolar, embora ela não escape de conviver e de se defrontar com constantes situações problemáticas que são peculiares ao atual momento. Diferentes práticas são propostas com a intenção de amenizar as necessidades

pedagógicas, decorrentes da diversidade de concepções de conhecimento e de mundo.

Essa busca por promover um trabalho que seja realmente significativo confronta-se com questões que dificultam a atuação docente e, com base nesse pressuposto, perguntamos quais as dificuldades que os entrevistados vivenciavam na EJA. Entre os desafios apontados, a falta de recursos adequados e a baixa assiduidade são os problemas mais lembrados, mas também os problemas sociais vivenciados pelos alunos, o tempo reduzido e o excesso de documentação exigida, que diminui ainda mais o tempo empenhado para ensinar.

Ainda assim, os profissionais acreditam que as estratégias e metodologias adotadas por eles têm atingido os objetivos propostos, garantindo a aprendizagem dos alunos conforme se espera e levando o aluno à construção do conhecimento. Os professores salientaram a necessidade de motivar os alunos e profissionais como um fator fundamental para a conquista de resultados positivos na alfabetização de jovens e adultos, mas destacam a necessidade de investimentos e políticas públicas voltados a comunidades, assim como a produção de recursos específicos para o público da EJA.

Por fim, a importância da formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos é também apontada como aspecto influenciador nos resultados e, sobre isso, entendemos que mesmo que o ensino esteja diluído em práticas metodológicas diversas, muitas vezes por falta de fundamentação teórica consistente ou por uma formação inadequada do educador, a forma como a educação é envolvida no contexto mais amplo do fenômeno educação não pode se negligenciar a entender que a “pluralidade não significa renunciar a identidade e não pode, em caso algum, justificar a dispersão, a falta de rigor ou a superficialidade científica” (PIMENTA *apud* SOUZA, 1996, p. 12).

Os valores atribuídos à educação sistematizada variam de acordo com o tempo e o espaço, sofrendo modificações e influenciando conteúdo. Por isso, o processo de compreensão acerca dos processos de desenvolvimento dos jovens, assim como de seus mecanismos de apropriação de significados e de suas inúmeras e ilimitadas formas de expressão, tem sido marcado por intensas pesquisas.

Documentos oficiais como a Constituição Federal de 1988, a LDBEN 9394/96, além de normatizações em nível estadual e municipal, têm sido verificados,

abarcando um redimensionamento das concepções das práticas pedagógicas e da atuação dos profissionais envolvidos. Diante desse contexto, esperamos que o professor mediador use sua criatividade com responsabilidade, para que, em sua prática, os envolvidos possam intervir na realidade como cidadão. Logo, percebemos como a educação sistematizada pode andar atrelada com o conhecimento empírico, pois isso faz com que o educando se desvele e vá aos poucos se transformando em cidadãos autocríticos.

## 5 PRODUTO FINAL

O produto educacional, fruto da presente pesquisa, trata-se de um *e-book*, que visa contribuir na conscientização do professor quanto à importância de sua participação em sala de aula como mediador no processo de aprendizagem, priorizando a promoção de um ambiente acolhedor e capaz de promover um aprendizado que traga benefícios reais ao educando.

Esse material, composto por sugestões de práticas para os professores, com intenção de elencar sugestões e orientações de planejamento, que contemplem a interdisciplinaridade e transversalidade. Para isso, usamos a palavra geradora como ferramenta pedagógica em um processo de intervenção, enfatizando as formas de trabalhar os conteúdos inerentes dentro das disciplinas de forma a desenvolver todos os aspectos que lhe são necessários: cognitivo, afetivo e social.

Partindo do pressuposto da ideia de a alfabetização na EJA está fundamentada numa filosofia que reconhece o ser humano como extremamente capaz, diante disso pode ser considerado como uma prática pedagógica, que representa uma importante fonte de valores, equilíbrio além de garantir uma abertura para um leque de conhecimentos. Portanto, por ser um tema relevante dentro do contexto educacional, este produto é justificado pela sua necessidade que urge e tem como função demonstrar que através de ações implementadas na educação, as relevâncias de como educar na escola.

A escolha do tema “Guia prático pedagógico para os professores da EJA: Descobrendo novos caminhos para a motivação do saber na educação de jovens e adultos” se deu em decorrência de dois fatores: o primeiro, por atender à proposta inicial desta pesquisa, ou seja, entender o momento atual que o ensino da EJA emerge, e, para tal, necessitamos de duas escolas onde a EJA estivesse presente.

Um segundo fator que justificou a pesquisa metodológica é a possibilidade de relacionar uma concepção de Educação Jovens e Adultos, apresentada como proposta criada pelos autores do produto em forma de *e-book* rigorosamente organizado, com uma base teórica bem fundamentada, com a viabilidade dessa prática nos espaços pesquisados.

As propostas pedagógicas das escolas devem procurar sistematizar a caminhada educativa, visualizando um horizonte de possibilidades, sem que se desconsidere o panorama político-econômico e social. Tendo como finalidade formar

cidadãos capazes de analisar, compreender e intervir na realidade, visando ao bem-estar de todos.

O currículo está organizado de forma a articular o aprendizado dos principais conceitos e conteúdos em cada área do conhecimento com o desenvolvimento das diferentes formas de pensamento e expressão necessárias para que cada aluno possa fazer suas escolhas e prosseguir, com autonomia, seu estudo.

Nas situações de aprendizagem é proposto aos alunos a identificação de problemas e estratégias de resolução; a formulação de hipóteses pertinentes aos contextos; a análise de elementos, relações, princípios e generalizações; a compreensão da prática pedagógica de cada área do conhecimento tanto individual quanto de forma transversal e interdisciplinar; a compreensão dos textos nos seus diversos gêneros, especialmente os de natureza conceitual; a ampliação da possibilidade de expressão em diversas linguagens.

No produto final convidamos para uma reflexão, tendo em vista que ao longo de nossa carreira profissional, observamos os desleixos com esta comunidade carente da educação que é a EJA. Assim, envolvendo o conhecimento historicamente falando eis a necessidade de uma reflexão crítica da realidade social nos dias atuais, principalmente, nesta nova era tecnológica, no qual o mundo está competitivo na busca de uma cidadania digna. Entendemos que o ser humano é social e histórico, através de sua atividade e relação com objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. Desta forma, a escola pretende construir um espaço de socialização, sistematização e construção de um novo saber, a partir da mediação do professor na formação de cidadãos com capacidade de pensar e agir mediante a elaboração de conhecimento científico erudito e universal. Visando à formação de um aluno crítico, autônomo e participativo.

É imprescindível que o professor saiba valorizar o aprender contínuo e a troca constante entre aluno-aluno e aluno-professor, adotando uma postura de trabalho que considera a cooperação, o respeito mútuo, a tomada de consciência, a persistência, o empenho e a prontidão para superar desafios.

A escola serve ao aluno como parte de sua construção de vida, do todo, não como parte isolada e fragmentada, onde não se aplica o conhecimento obtido pelas disciplinas ao seu cotidiano. A atitude interdisciplinar favorece a intersecção entre escola, pais e comunidade e permite que os alunos percebam a importância do



conhecimento para ter condições de resolver problemas e questões da sua realidade num movimento de transformação social para a formação da cidadania.

A coerência deste material é o compromisso, o envolvimento e o comprometimento dos professores, o desapego ao conteúdo fragmentado e à rotina instalada, o respeito ao outro e a espera em comunhão com a dúvida para saber se estamos caminhando em direção ao conhecimento, à humildade para aceitar o posicionamento do aluno e perceber que sua contribuição é importante e necessária, e para aceitar que enquanto professores somos incompletos e o diálogo como posicionamento básico para que se possa ouvir e fundamentar melhor nossa posição.

A pesquisa nas duas escolas nos possibilitou uma aprendizagem que nos impactou causando modificações no nosso comportamento de forma permanente. O processo de aprendizagem é obtido quando se estabelece como resultado o desenvolvimento do aprendiz, onde o ser humano se torna capaz de obter determinados desempenhos, através de suas capacidades e interesses.

Todas as reflexões e problematizações levantadas em teoria, alcançam dimensão concreta e viável quando aplicada à realidade da vida escolar. Foi uma vivência enriquecedora e duplamente positiva, buscando comprovar teoria x prática e prática x teoria. Ou seja, o concreto e real ilustrando a teoria e a teoria aplicada nas questões rotineiras da escola, feitas através de observações, questionários, vivências, diálogos, passeios pedagógicos, concursos musicais, jantares e integração com a comunidade entre outras ações que viabilizaram os canais de comunicações.

Assim, vislumbramos o poder atribuído aos educadores, visto que também atuam como agentes culturais na constituição dos alunos. A matriz representacional assume lugar central nas práticas pedagógicas, já que a representação acerca do educando estabelece o que, quando e como ensinar. Possibilitou também a construção de um perfil de profissional competente e comprometido com o processo educativo, respeitando as características de cada aluno.

Sendo assim, este tem a intenção de despertar o professor para as necessidades que urge em caráter emergencial no seio da educação da EJA. Fazer uma educação de/com responsabilidade, compreender que estamos onde também há sonhos, eles querem aprender a ler, e o que estamos fazendo enquanto

professores? Será que estamos dando nosso melhor? Fica aqui nosso produto final para uma excelente reflexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale frisar que este estudo não teve a intenção de dar respostas definitivas sobre o assunto na questão de seus aspectos socioeconômicos, antropológicos, culturais, políticos, históricos, entre outros, mesmo sabendo de que se trata de um assunto complexo e que repercute em inúmeros fatores sociais, traduzindo o valor que se dá à educação e, sobretudo, aos valores morais e éticos que envolvem a formação dos indivíduos.

As questões apresentadas nesta dissertação buscaram refletir sobre a importância da Educação de Jovens e Adultos, considerando que ela se constitui mais do que um espaço de aprendizagem das diferentes disciplinas. Representa também um espaço de inclusão para jovens e adultos que, por motivos diversos, deixaram de frequentar a escola na faixa etária convencional.

Através da pesquisa bibliográfica apresentada, foi possível perceber que as práticas pedagógicas adotadas pela EJA são trabalhadas de forma multidisciplinar aos conteúdos, porém de forma limitada no que diz respeito à diversidade de instrumentos que possam proporcionar um melhor acesso do aluno ao conhecimento, tais como: livros com textos mais regionais que retratem a realidade do homem no campo, sala de vídeo para tornar as aulas mais interessantes e uma maior diversidade de livros para pesquisa na biblioteca, entre outros.

É importante ressaltar que o livro didático adotado não deve ser deixado de lado, pois acreditamos que o mesmo seja um instrumento importante, mas que haja uma interação entre os temas abordados com o saber do educando. Devemos levar em conta os conhecimentos prévios que cada aluno adquiriu no decorrer de sua existência e, junto aos conteúdos, proporcionar a eles uma compreensão do espaço vivido para que possam entender o espaço global. Constatamos, através do resultado da pesquisa, que os problemas enfrentados pelos alunos da EJA são decorrentes da condição econômica que os obrigaram a ter que trabalhar durante a infância e que, conseqüentemente, provocaram a defasagem escolar e, conseqüentemente, as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita.

Por sua vez, no nosso ambiente de trabalho, encontramos com algumas pessoas que trazem consigo, arraigado, o medo do novo, já que as explanações de cada aula podem gerar novas expectativas. O que percebemos também foi a grandeza de ter a consciência de que um professor precisa planejar a aula para os

seus alunos, o que não fora regra em alguns ambientes nos quais frequentamos durante o período desta investigação. O que vimos algumas vezes foram educadores sem nenhum entusiasmo, planejando a aula como se ele fosse o único na sala de aula. Em determinados momentos chegamos a pensar “que o professor não tinha a devida dimensão da diversidade de culturas que há em sua sala de aula, pois ele se posicionava como dono da verdade única e absoluta”.

Os valores do ser humano devem permitir que ele se avalie permanentemente, pois estamos sempre em constante transformação. Também a educação não é uma via de mão única, podemos mudar as nossas atitudes, reorganizar nossa conduta como educadores, aceitar melhor as opiniões dos nossos colegas de trabalho, buscar ter qualidade nas relações humanas. Um trabalho em equipe tem que ter propósitos e esforços das pessoas que estão inseridas naquele meio, para assim garantir um trabalho educacional de qualidade que permita a valorização de cada um, a motivação, a criatividade e a autonomia. Quando entendermos que isso se faz necessário, será inerente também o entendimento pela necessidade de mudança, pois é um anseio da própria educação.

Estando nesse estágio de compreender a vida com múltiplas facetas, perceberemos, então, que todo ser humano tem necessidades de diferentes ordens e que estas não se manifestam de forma homogênea: varia pela função da personalidade, pelo momento de vida, pela faixa etária, pelas classes sociais e econômicas pertencentes, pelo nível de escolaridade e grupo profissional. A necessidade leva o ser humano a buscar a satisfação, mas para que se chegue a algum estágio o professor tem que passar motivação e se mostrar motivado para tanto. A energia positiva da motivação produz o impulso do profissional para o educando e vice-versa, refletindo nas ações cotidianas de ambos.

É preciso, como educadores, romper com este paradigma de que a família seja a parceira ideal para o crescimento intelectual do aluno, é que ali unicamente está arraigado sua cultura, seus sonhos. Devemos pensar na escola como mediadora do saber, para que o aluno em qualquer idade cronológica passe por determinado processo de desalienação, e tendo um ambiente que seduza, dê-lhes alegria para que sintam vontade de voltar, para assim cumprirmos nossa missão de verdadeiros educadores. O professor que não ama o que faz é o mesmo que um

ferreiro que vive a bater incessantemente em um ferro frio, tentando transformá-lo em uma obra de arte<sup>2</sup>.

A exclusão de milhões de brasileiros da escola, seja pelo não acesso, seja pela repetência e evasão, instala um círculo vicioso no qual a ausência da escolaridade institucionalizada, considerada como a instância de inquisição de habilidades básicas num mundo letrado, acaba comprometendo o desenvolvimento pessoal do ser humano, já que ele compromete o acesso a ocupações que exigem habilidades intelectuais. A EJA é premente e necessária, já a concebendo como um processo de vida de cada indivíduo. No entanto, diante de tantas transformações na vida do ser humano, os sistemas tradicionais de ensino continuam estruturados como se a mesma pedagogia utilizada para as crianças devesse ser aplicada aos adultos. Com isso impedindo uma educação de qualidade para o específico público aqui em questão.

Mesmo sendo para crianças, é preciso que a nossa educação passe a ser analisada com base no ideário da Lei, percebemos que num todo há uma grande distância na relação entre a educação e a realidade dos educandos. De um lado, a Lei estabelece todos na escola pelo prisma da “educação, direito de todos e dever do estado e da família”. Do outro lado, a realidade que conduz a lógica da exclusão com desigualdades tamanhas, políticas públicas direcionadas à conveniência e poucas oportunidades, famílias não nucleares e (por isso) estigmatizadas e escolas inertes frente aos fracassos repetidos de seus alunos quase que de forma programada.

Diante desse quadro, fica patente a necessidade do comprometimento de todos aqueles que estão ligados à EJA, para encurtar a distância entre o que diz lei e a realidade, sendo essa uma das frentes no combate à evasão escolar, também existente na EJA, a fim de garantir a formação do cidadão e sua inserção na sociedade, de modo a contribuir para a sua transformação, quanto à autoestima, autonomia e cidadania.

Vivemos frente a transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que são características da nossa atualidade e é gritante a necessidade de

---

<sup>2</sup> A título de curiosidade, conferir em meu artigo “Um ensaio da vida e suas relevâncias na formação sistematizada”. Disponível em: <http://webartigos.com/artigos/um-ensaio-da-vida-e-suas-relevancias-na-educacao-sistematizada/151093>.

atualização e qualificação das pessoas, e a EJA tornou-se mais do que necessária para dar uma oportunidade para os mesmos se alavancarem, resgatarem seus sonhos, valores. Afinal, os alunos da EJA não tiveram a mesma oportunidade em idade propícia de exercer com criticidade o seu papel de cidadão nessa sociedade.

Constatamos um *déficit* grande com relação à aprendizagem dos jovens e adultos. Há uma angústia muito grande por parte de uma parte dos professores e pedagogos no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Também existem os desafios dos próprios alunos que, diante de várias necessidades, muitas vezes não alcançam sucesso. Notamos que existem muitos entraves dentro dessa realidade, tanto de ordem didática quanto pedagógica, bem como os desafios de natureza político-educacionais, o que faz com que esta e outras pesquisas sobre os aspectos da educação, em geral, estejam cada vez mais presentes em nosso meio.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão.** Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, p. 09-20, abril 2001.

ARROYO, M. G. Fracasso e Sucesso: O peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em Aberto**, v. 11, n. 53, 1992. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1834>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire.** 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. **Censo.** IBGE, 2007. Disponível em: <http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>. Acesso em: 29 Junho. 2022.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. 25 ed. São Paulo: Saraiva. 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação artística: leis e pareceres.** Brasília: Mec, 1982.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9394, de 20 dez. 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, MEC/SEB, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos.** Alunas e Alunos da EJA. Brasília, MEC/SEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** documento introdutório. Brasília: Mec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sistema educacional.** Brasília: Mec, 2010.

CARNEIRO, M. A. **LDB Fácil:** leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASTEL, R. **La inseguridad Social.** ¿Qué es estar protegido? Editorial: Manantial. Colección: Reflexiones, p. 128, 2008.

CAPORALINI, M. B. S. C. **A transmissão do conhecimento e o ensino noturno.** Campinas: Papirus, 1991.

CÁTEDRA. Paulo Freire. São Paulo: PUC, 2000. Disponível em: <http://www.pucsp.br/paulofreire/>. Acesso em: 5 nov. 2021.

COSTA, C. B. da. **O ensino da leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA):** Análise de material didático. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS (I) e PLANO DE AÇÃO PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM (II). Aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem Jomtien, Tailândia - 5 a 9 de março de 1990.

DIAS, C. A. **Grupo Focal:** técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. 2003. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/1020006.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

DOS SANTOS, J. R. S; SOBRINHO, T. B. L. **Escola, educação básica e analfabetismo estrutural no Brasil:** a negação da escola aos trabalhadores. EJA em Debate, v. 10, n. 17, 2021.

DURANTE, M. **Alfabetização de Adultos:** Leitura e Produção de Textos. Porto Alegre: 1998.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales et al., 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A experiência do MOVA.** SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler (em três artigos que se completam). Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo, Cortez/ Autores Associados. Ano da obra 1982 (26. ed., 1991). 96 p.

\_\_\_\_\_. **Biografia.** Disponível em: [http://www.abec.ch/Portugues/subsidios-educadores/biografias/Biografia\\_de\\_Paulo\\_Freire.pdf](http://www.abec.ch/Portugues/subsidios-educadores/biografias/Biografia_de_Paulo_Freire.pdf). Acesso em: 5 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação popular.** Lins-SP: Todos Irmãos, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GADOTTI, M. Informação, conhecimento e sociedade em rede: Que potencialidades? **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, nº 23, 2005, 43-57. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Moacir.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GIDDENS, A. **Consecuencias De La Modernidad**. Alianza Editorial, 1990, Madrid.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C.. **Projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995.

GOULART, C. M. A. **A noção de letramento como horizonte ético-político para o trabalho pedagógico**: explorando diferentes modos de ser letrado. Projeto de pesquisa, 2001.

GUERRA, E. L. de. A. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%BAblicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

HADDAD, S. O desafio da Educação de Jovens e Adultos. 2002. **Ação Educativa**. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/12345789/2428/1/ejae.pfd>. Acesso em: 5 ago. 2021.

HISTÓRIA. **História na Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: [portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/Eja/.../vol2\\_historia.pdf](portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/Eja/.../vol2_historia.pdf). Acesso em: 01 nov. 2021.

LANDER, E. **Ciencias sociais: saberes coloniales y eurocéntrico**. En libro: A colonialidad del saber: eurocentrismo e ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Lationamericano de Ciencais Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246.

Disponível em La World Wide Web:  
<http://bilibotecavirtual.calcso.org.ar/ar/libros/lander/lander1.rtf>.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Organização e gestão da escola:** teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/Eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/Eja_caderno1.pdf). Acesso em: 26 set. 2021.

MARCELO, C. **Aprender a ensinar para a sociedade do conhecimento.** São Paulo: Educacional, 2002.

MARTÍNEZ, A. M. **Criatividade, Personalidade e Educação.** Papirus Editora: 1997.

MATTOS, M. I. **A educação de jovens e adultos:** A motivação como fator de aprendizagem e inclusão social – Um estudo de caso sobre os alunos do ensino fundamental no centro de educação de jovens e adultos de Tubarão. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina.

MENDES, D. T. **Um novo Mundo, uma nova educação.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 51, n. 113, p. 15, jan./mar., 1969.

MOURA, T. M. de M.. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos:** Uma contribuição de Paulo Freire, Emilia Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.

OLIVEIRA, M. K. de O. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação.** Set/Out/Nov/Dez 1999. nº 12. 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n12/n12a05.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PIERRO, M. C. Di. JOIA, O. RIBEIRO, V. M. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil,** 2001.

PILETTI, N. **Sociologia da Educação.** 14. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, E. T. da. **Multiletramento e produção de material didático integrado de Língua Portuguesa na EJA.** Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2017.

PEQUENO. **Educação e família:** uma união estável. 2010. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/TEXT02.htm>. Acesso em 01. jul. 2021

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 1999.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos.** 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RIOS, A. M. M. **Vozes noturnas**: As produções de textos orais nas turmas da EJA. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, 2021.

SCUZATTO, A. G. L. **A afetividade na aprendizagem do aluno especial na educação**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Programa de Graduação em Pedagogia do Instituto de Ensino Superior do Espírito Santo. 2004.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128 p.

SOARES, M. **As muitas facetas da alfabetização**. In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, p. 13-27, 2003a.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10. ed. São Paulo: DP & A, 2002. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>. Acesso em: 30 set. 2021.

WHITE, G. E. **Orientação da criança**. Casa Publicadora. Santo André, São Paulo, 1975.

YUS, R. **Educação Integral, uma educação holística para o século XXI**. ARTMED Ed. SA: 2002.

ZORZAL, E. S. **Uma compreensão sobre a presença de estudantes jovens na EJA do município de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do estudo intitulado “Educação de Jovens e Adultos: um recorte temporal em torno das práticas pedagógicas vivenciadas por professores e alunos nos dias atuais”, conduzido por Cristiana Ana Lima. Este estudo tem por objetivo geral compreender como se dá a prática pedagógica de alfabetização de jovens e adultos em duas instituições municipais, no município de Cariacica – ES e objetivos específicos identificar quais os desafios vivenciados pelas escolas no que se refere a modalidade Educação de Jovens e Adultos; verificar quais metodologias são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e; produzir um guia prático com sugestões para professores e orientações de planejamento, que contemplem a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, utilizando palavras geradoras como umas das ferramentas pedagógicas auxiliares no processo de ensino e aprendizagem na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário contendo questões abertas e fechadas, em formato impresso, que pode ser respondido no local e horário que forem adequados. Essas questões têm relação com a prática do docente voltada a EJA, buscando conhecer as experiências dos profissionais em relação a essa modalidade e suas especificidades.

Você foi selecionado (a) por ser professor da educação básica, na modalidade Educação de Jovens e Adultos, na escola escolhida como lócus da pesquisa, possuindo experiências que podem trazer contribuições para a pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Como qualquer pesquisa possui riscos e benefícios, ao participar você estará sujeito (a) a algum desconforto ou mal-estar enquanto responde ao questionário, tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista, interferência na vida e na rotina, uso da amostra para novas pesquisas sem a autorização do sujeito, constrangimento ao responder questões, vergonha ao responder às questões. Contudo, em caso de algum desconforto ou mal-estar, os responsáveis pelo estudo encaminharão o participante para o serviço de atendimento médico mais próximo do local de realização da pesquisa. Além disso, para que os impactos na rotina e na sua vida sejam minimizados, será marcado com antecedência data e horário que for conveniente, de acordo com a sua disponibilidade. Em relação a constrangimentos e desconforto durante a entrevista, você terá flexibilidade para se recusar responder quaisquer questões que causarem.

Por outro lado, essa pesquisa pode trazer benefícios para você e toda a sociedade, por representar um estudo que visa trazer contribuições para um trabalho

efetivo, buscando compreender a realidade da atuação docente dos participantes e propor melhorias e possíveis soluções. Além disso, trará ainda benefícios à comunidade científica, apresentando resultados que podem nortear pesquisas futuras.

É importante ressaltar que sua participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Caso ocorra algum dano causado pela pesquisa, você será indenizado por direito.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O(s) pesquisador(es) responsável se compromete(m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador (ou seu representante): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Eu \_\_\_\_\_ declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UNIVC  
São Mateus (ES) - CEP: 29933-415  
Fone: (27) 3313-0028 / E-mail: cep@ivc.br

## APÊNDICE B – PARECER COM APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Continuação do Parecer: 5.820.264

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Cristiana.docx	11/11/2022 17:19:50	CRISTIANA ANA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_Cristiana.pdf	25/10/2022 07:51:10	CRISTIANA ANA LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_CRISTIANA.pdf	21/10/2022 13:35:32	CRISTIANA ANA LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CRISTIANA.docx	21/10/2022 13:32:39	CRISTIANA ANA LIMA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO MATEUS, 15 de Dezembro de 2022

---

**Assinado por:**  
**FRANK CARDOSO**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0000 **E-mail:** cep@jvc.br

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado (a) professor (a),

No trabalho que ora desenvolvemos para a elaboração da nossa DISSERTAÇÃO, cuja linha de pesquisa é EDUCAÇÃO. E tendo em vista que precisamos fazer um relatório de questionário, precisamos obter algumas informações, acerca de sua visão sobre o que diz a respeito na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal venho humildemente solicitar a sua colaboração respondendo às questões abaixo.

1- Nome (ou iniciais do nome):

2- Gênero: ( ) masculino ( ) feminino

3- Idade: ( ) 18 a 25 anos ( ) 26 a 35 anos ( ) 36 a 45 anos ( ) mais de 45 anos

4- Formação profissional, inclusive os cursos de complementações (colocar o ano da formação):

5- Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_ anos

6- Tempo de atuação na EJA: \_\_\_\_ anos

7- Série em que leciona:\_\_\_\_\_ turno:\_\_\_\_\_ turma:\_\_\_\_\_

8- O que o (a) levou a escolher o caminho da educação, e mais especificamente ser professor (a)?

( ) Vocação ( ) Outros

9- Você fez alguma especialização para trabalhar com alfabetização na EJA?

10- Enquanto profissional da educação, qual sua percepção acerca da EJA e sua importância?

11- Você trabalha com a EJA fundamentada em algum posicionamento teórico específico? Qual? Por quê?

12- Além dos livros didáticos, quais outros recursos que você utiliza na alfabetização dos alunos da EJA?



13- Você considera suficientes os recursos disponibilizados para trabalhar na Alfabetização da EJA? Por quê?

14- Você busca conhecer o contexto em que seus alunos estão inseridos para promover adequações em sua prática? Por quê?

15- Você acredita que material didático utilizado em suas aulas atendem os educandos de acordo com realidade dos mesmos? Por quê?

16- Quais as dificuldades encontradas na prática da Alfabetização como profissional da EJA?

17- Quais estratégias você utiliza para alcançar êxito na alfabetização dos alunos da EJA, considerando suas especificidades?

18- Como você intervêm didaticamente, diante da observação de possíveis dificuldades dos alunos?

19- Na sua percepção, as metodologias e estratégias utilizadas por você têm conseguido atingir os objetivos estabelecidos?

20- Você acredita em métodos únicos de ensino para alfabetizar? Por quê?

21- Enquanto educador, o que você acredita ser necessário para que a alfabetização na EJA se engaje de forma mais positiva?

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PEDAGOGOS

Prezado (a) Pedagogo (a),

No trabalho que ora desenvolvemos para a elaboração da nossa DISSERTAÇÃO, cuja linha de pesquisa é EDUCAÇÃO. E tendo em vista que precisamos fazer um relatório de questionário, precisamos obter algumas informações, acerca de sua visão sobre o que diz a respeito na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal venho humildemente solicitar a sua colaboração respondendo às questões abaixo.

1- Nome (ou iniciais do nome):

2- Sexo:

3- Idade:

4- Formação profissional, inclusive os cursos de complementações (colocar o ano da formação).

5- Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_ anos

6- Tempo e Atuação na Área como pedagogo (a) EJA.

7- O que o (a) levou a escolher o caminho da educação, e mais especificamente ser pedagogo (a)?

( ) Vocação ( ) Outros

8- Você fez alguma especialização para trabalhar como pedagogo (a) na EJA?

9- Qual sua percepção, enquanto pedagogo (a), acerca da EJA e sua importância?

10- Você trabalha com a EJA fundamentada em algum posicionamento teórico específico? Qual? Por quê?

11- Em relação aos recursos utilizados pelos professores que orienta, você acredita que tais recursos têm sido adequados e suficientes para alcançar os resultados esperados? Por quê?

12- Como pedagogo (a), qual a sua visão da alfabetização na EJA? Justifique sua resposta.

- 13- Além dos livros didáticos, quais outros recursos que você sugere que os professores utilizem para auxiliar no avanço intelectual dos alunos da EJA?
- 14- Você busca conhecer a realidade socioeconômica e o contexto dos alunos atendidos na escola em que atua?
- 15- O material didático que é sugerido é coerente com a realidade dos alunos, para a alfabetização? Por quê?
- 16- Quais as maiores dificuldades encontradas na sua prática como profissional atuante na EJA?
- 17- Durante o planejamento das aulas, como você intervém para contribuir com o professor na elaboração de uma prática significativa?
- 18- Quando um professor lhe pontua alguma necessidade de intervenção pedagógica, como você intervém didaticamente?
- 19- Você acredita em métodos únicos de ensino para alfabetizar? Por quê?
- 20- A Unidade de Ensino oferta formação continuada? Em caso de resposta afirmativa, qual formação é essa e como é feita?
- 21- Enquanto pedagogo (a), o que você acredita ser necessário para que a alfabetização na EJA se engaje de forma mais positiva?

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Prezado (a) aluno (a),

No trabalho que ora desenvolvemos para a elaboração da nossa DISSERTAÇÃO, cuja linha de pesquisa é EDUCAÇÃO. E tendo em vista que precisamos fazer um relatório de questionário, precisamos obter algumas informações, acerca de sua visão sobre o que diz a respeito na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal venho humildemente solicitar a sua colaboração respondendo às questões abaixo.

1- Nome (ou iniciais do nome):

2- Sexo:

3- Idade:

4- A EJA te faz se sentir inserido (a) no meio social da educação?

( ) Sim            ( ) Não            ( ) Às vezes

5- Você trabalha em que período?

( ) Durante o dia todo, em horário comercial

( ) Apenas um período do dia, de manhã ou à tarde

( ) Trabalho à noite

( ) Apenas um período do dia

( ) Não trabalho

( ) Trabalho em outro tipo de regime trabalhista:

6- Usa transporte para chegar na escola?

( ) sim            ( ) Não            ( ) raramente

7- Como você avalia sua frequência na escola?

( ) Sou frequente e chego no horário correto

( ) Sou frequente, mas costumo me atrasar

( ) Costumo faltar muitas vezes

8- Por quais motivos você precisou parar de estudar na idade regular?

9- Ao longo da sua vida, você vivenciou algum tipo de situação constrangedora ou que lhe causou incômodo motivada pelo fato de não ter estudado em idade regular?

10- O que fez você retornar à escola?

11- Você encontra dificuldades para se manter em sala de aula? Quais?

12- Você acha adequado o material usado em sala de aula?

## APÊNDICE F – PRODUTO

CRISTIANA ANA LIMA  
MARCUS ANTONIUS DA COSTA NUNES

GUIA PRÁTICO  
PEDAGÓGICO PARA OS  
PROFESSORES DA EJA:  
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS  
PARA A MOTIVAÇÃO DO SABER  
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS



Cristiana Ana Lima  
Marcus Antonius da Costa Nunes

GUIA PRÁTICO PEDAGÓGICO  
PARA OS PROFESSORES DA EJA:  
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS PARA  
A MOTIVAÇÃO DO SABER NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

Vitória

2022

Guia prático pedagógico para os professores da EJA: Descobrimos novos caminhos para a motivação do saber na educação de jovens e adultos © 2022, Cristiana Ana Lima e Marcus Antonius da Costa Nunes.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

**Curso:** Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

**Instituição:** Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

**Edição:** Ivana Esteves Passos de Oliveira

**Projeto gráfico e editoração:** Diálogo Comunicação e Marketing

**Diagramação:** Ilvan Filho

**DOI:** 10.29327/5134307

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732g	<p>Lima, Cristiana Ana. -          Guia prático pedagógico para os professores da EJA:          Descobrimos novos caminhos para a motivação do saber          na educação de jovens e adultos / Cristiana Ana Lima,          Marcus Antonius da Costa Nunes. -</p> <p>Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -</p> <p>20 p. : il. foto. color. ; 21 cm.</p> <p>ISBN 978-85-92647-83-4</p> <p>1. Educação de jovens e adultos. 2. Professores          de educação de jovens e adultos. I. Nunes, Marcus          Antonius da Costa.</p> <p style="text-align: right;">CDD – 374.981</p>
-------	---

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956



*Conselho Editorial*

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

## SUMÁRIO



<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	06
1.1. OBJETIVOS .....	08
1.1.1. Geral .....	08
1.1.2. Específicos .....	08
<b>2. TRABALHOS DOS PROFESSORES</b> .....	09
<b>3. É PRECISO PLANEJAR E SABER PLANEJAR</b> .....	10
<b>4. SUGESTÕES PARA NOVAS INTERVENÇÕES</b> .....	12
<b>5. FORMAÇÃO CONTINUADA É NECESSÁRIA?</b> .....	15
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	18
<b>OS AUTORES</b> .....	19

## 1. APRESENTAÇÃO



**E**ste tem por objetivo apresentar quais as importâncias da educação da EJA, Educação de Jovens e Adultos, e como a mesma contribui para o desenvolvimento da vida intelectual do educando e a integração do mesmo na sociedade. Usamos a **palavra geradora** entre outras como ferramenta Pedagógica num processo de intervenção. Enfatizaremos as formas de trabalhar os conteúdos inerentes dentro da disciplina de forma a desenvolver todos os aspectos que lhes são necessários: cognitivo, afetivo, social.



Paulo Freire acrescenta ainda que:

“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

A educação é considerada, nos dias de hoje, a base para o desenvolvimento de qualquer nação e, no Brasil não é diferente, espera-se muito da educação, no sentido de minimizar alguns atribuem a ela expectativas para resolver vários problemas. Contudo, deve-se pensar na Educação, não como apenas àquela que se aprende nas instituições, educação pode e acontece em quaisquer ambientes sociais. E este tem a intenção de provocar os docentes para um novo olhar para a Educação de Jovens e Adultos EJA.

A BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DE  
QUALQUER NAÇÃO...  
É A EDUCAÇÃO

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1. GERAL

Oportunizar os professores a novas formas de mediar o conhecimento;

Proporcionar aos alunos uma formação mais consistente, tendo em vista a experiência adquirida no dia a dia.

Sensibilizar os professores da importância das atividades bem planejadas ressaltando a necessidade de sempre valorizar a cultura de cada um.

### 1.1.2. ESPECÍFICOS

Conscientizar o professor da importância de sua participação em sala de aula.

Explorar as experiências pessoais, dos educandos, construindo a partir daí, exercícios que desenvolvam conteúdos inerentes a sua realidade.

Criar espaços para iniciação de um trabalho de qualidade (ambiente acolhedor).

Proporcionar o amadurecimento da inteligência dos alunos.

## 2. TRABALHOS DOS PROFESSORES



A prática docente não é uma tarefa fácil, o baixo salário é uma das maiores desmotivações do professor, assim como a falta de interesse dos alunos, falta de materiais didáticos, porém nestes dois últimos quesitos, vale lembrar que é um ponto questionável, o educador deve motivar o aluno por meio de aulas que despertem seu interesse, relacionando o conteúdo com sua vida social.

É preciso pontuar que o sistema de ensino é por vezes falho, já que culturalmente no Brasil a educação não é valorizada e assim relegada a segundo plano nas políticas do governo, de quaisquer esferas.



### 3. É PRECISO PLANEJAR E SABER PLANEJAR



Fazer planejamento é algo que está intrínseco em nós, todas as nossas atividades do dia-a-dia precisam ser pensadas, porque a todo o momento somos confrontados com situações que necessitam de um planejamento. Porém, quando precisamos realizar atividades que não fazem parte do nosso cotidiano usamos processos mais inteligentes e de forma mais abrangente. Para isso é preciso planejar em um sentido bem mais amplo, com propósito de estabelecer meios e recursos dentro da educação estabelecendo caminhos que possam nortear a execução dos sonhos que temos para nossa escola, transformando-os em realidade, objetivando acreditar no docente como agentes facilitadores do processo político da educação.

Planejamento de ensino “é o processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos” (Fusari, 1988, p. 10).

Planejar é o processo que busca orientar em auxílio junto à realidade educacional. Tendo em vista que o planejamento não se dá apenas em um dia, mas se manifesta em todo o tempo, buscando a melhoria por vários meios e fins com o objetivo de fazer o sistema educacional obter êxito. O planejamento é um processo permanente onde se projeta e decide ações futuras,

onde se acredita em uma educação além do hoje, objetivando as funções políticas, educacionais e sociais.

Num processo participativo, compreendendo que o planejamento é uma atividade exclusivamente humana somente o homem usando a razão pode se organizar e planejar antes de agir. Quando o professor elabora o planejamento valoriza cada conteúdo oferecido, não limitando somente um único trabalho (Padilha, 2001, p. 35).





## 4. SUGESTÕES PARA NOVAS INTERVENÇÕES

É sabido que os Jovens e adultos já possuem um conhecimento e domínio sobre a visão de mundo, em que sua expressão esclarece todos os seus desejos e atitudes para um novo olhar, eles têm pressa, pois a cada dia o mercado de trabalho cobra uma postura diferenciada. É neste momento que cabe ao Educador fazer a diferença, saber articular o saber de forma prazerosa.

Enfrentar as dificuldades para voltar estudar ou às vezes começar não é tarefa fácil, têm os obstáculos de cuidar da família, o trabalho que em muitos casos é muito cansativo, o trajeto do trabalho para escola muitas vezes é longo, causando assim um impacto negativo e um grande desestímulo. Daí surge a necessidade de ter profissionais da educação qualificados e bem capacitados para essa recepção que fica marcada pelo resto da vida.



O autor a seguir diz que:

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global. (FREIRE, p. 59, 1996)

Acrescenta ainda que:

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-linguístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica. (FREIRE, p. 60, 1996)

Diante deste quadro, fica aqui um convite  
a uma reflexão aos educadores que se dispõem a  
trabalhar com a EJA.

- Ao assumir uma cadeira em uma escola, o educador deve ir à busca dos documentos da escola dos quais norteiam a proposta da escola PPP (Projeto Político Pedagógico) e outros o regimento interno e etc..
- É preciso rever nossos conceitos a cada dia, para ter consciência do que estamos levando para sala de aula.

- Planejar sempre, porém buscar articular sempre com a realidade da clientela da qual o educando está inserido.
- Explorar os espaços da escola, fazer um trabalho diferenciado.
- Trabalhar com interdisciplinaridade, valorizando cada conhecimento e partindo sempre de uma palavra GERADORA.
- Buscar novas formas de ensinar, em falta de materiais da escola, inovar com matérias descartáveis, recicláveis.

Afinal Paulo Freire diz:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1979, p. 72)

Logo percebemos que é preciso ter mudanças radicais na educação, afinal o que se aprende no seio da escola fica para uma vida toda, e o professor é o referencial principal para essa construção de saberes.

## 5. FORMAÇÃO CONTINUADA É NECESSÁRIA?

---



**E**stamos diante de um quadro educacional em que os professores estão aos poucos quebrando seus paradigmas, já se percebe o anseio de alguns que realmente quer inovar, estão á busca de novas aprendizagens, se tornando participativo em curso de formações continuadas, palestras referentes à educação. De certa forma já se observa uma preocupação dos órgãos competentes quanto ao investimento na formação continuada. No Estado do Espírito Santo algumas prefeituras já têm no seu plano anual de trabalho os dias de formação continuada para (Pedagogos e Professores), e isso vem facilitando a abertura para novos caminhos novos horizontes.

De acordo com Libâneo (1998, p. 90):

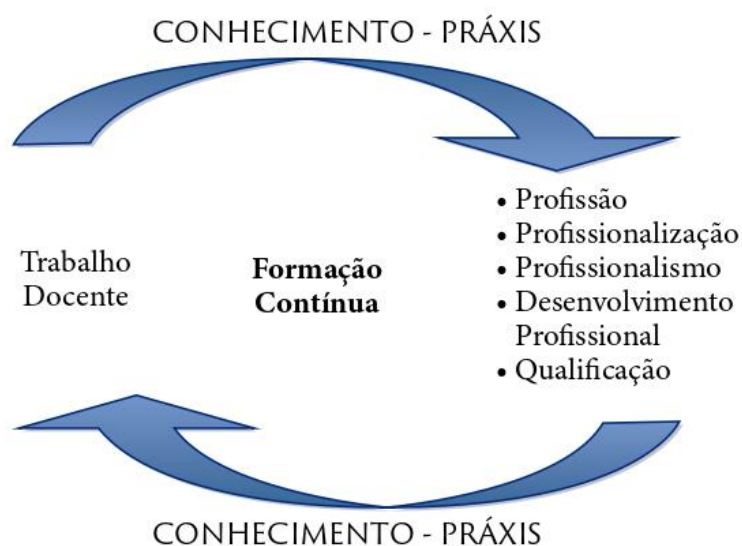
Profissionalismo significa compromisso com o projeto político democrático, participação na construção coletiva do projeto pedagógico, dedicação ao trabalho de ensinar a todos, domínio da matéria e dos métodos de ensino, respeito à cultura dos alunos, assiduidade, preparação de aulas etc.

E ainda Almeida (1999, p. 39) diz ser necessário:

[...] um projeto educativo, capaz de expressar os compromissos da escola diante das necessidades comunitárias e sociais. Nessa concepção o professor está em constante processo de desenvolvimento profissional, no qual a formação contínua se coloca como elemento central.

Sendo assim, acreditarmos que a escola é um elemento de transformação da sociedade e do espaço cultural, que deve oferecer condições e estímulos, os mais variados possíveis para que o educando possa educar-se independente e autônoma, para enfrentar situações de conflitos dos mais diversos, apropriando-se o processo de aprendizagem como sujeito da sua própria vida e história.

Observe o quadro abaixo, percebemos que a vida profissional do professor é uma troca de informações constantes, e que o mesmo tem a responsabilidade de se envolver, se desprender de alguns tabus e fazer o diferencial em sua vida profissional, afinal somos mediadores do saber e a vida é uma constante busca e em momento algum podemos esquecer que somos seres únicos e encabados.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



A escola deve buscar e promover a dignidade do educando. Ser omissos ao saber, negligenciar o direito a educação é também violar direitos Humanos e amplamente falando é tirar o direito da vida. E a educação deve apontar sempre para a construção da vida. É dever de todos os Humanos, por natureza, defender, valorizar e desenvolver a vida. É importante apontar, neste momento, para a significativa experiência que pode ser realizada na sala de aula.

Os educadores têm a incumbência de possibilitar aos alunos o contato e o possível engajamento em movimentos comprometidos com a defesa da vida e da cidadania. É dever de o professor transformar o espaço formativo numa oportunidade de desenvolver valores que priorizem a formação de um caráter que garanta a qualidade de vida do indivíduo e também da comunidade, na qual ele está inserido.

É válido afirmar que a escola como mediadora do conhecimento, tem a obrigação de articular as ideias, de forma que crie um ambiente acolhedor, nas reuniões pedagógicas e nas formações continuadas devem ter um olhar mais humano e crítico para estas questões relevantes das quais são a de inserções de valores educacionais, pois percebemos que ao longo dos tempos estão se perdendo.

## REFERÊNCIAS

---



ALMEIDA, Maria Isabel de. **O sindicato como instância formadora dos professores:** novas contribuições ao desenvolvimento profissional. 1999. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1999

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996a. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. *Política e educação.* São Paulo: Cortez, 1996b. (Coleção questões de nossa época, v. 23).

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **A experiência do MOVA.** SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Questões da nossa época, v. 67).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos.** 2. ed. Vitória, 2002.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico:** como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.

## OS AUTORES



### CRISTIANA ANA LIMA

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Integrada do Espírito Santo - FAESA/ES; Experiência em Educação com ênfase em Educação Infantil e EJA e Ensino Religioso; Pós Graduada em Educação Infantil; Pós Graduada em Psicopedagogia Institucional; Pós Graduada em Gestão Escolar: Habilitação em Supervisão Escolar, Inspeção e Coordenação; Pós graduada em Teologia e Ensino religioso; Pós graduada em Alfabetização e Letramento nas séries Iniciais e EJA; Pós graduada em Arte na Educação; Participante do congresso internacional de Educação em Buenos Aires Argentina BA; Mestranda em Ciências, Tecnologia e Educação, pela Faculdade Vale do Cricaré/São Mateus/ES. Professora da rede municipal de ensino do Município de Serra/ES.





## MARCUS ANTONIUS DA COSTA NUNES

Graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Espírito Santo (1981), Mestrado em Engenharia Mecânica, área Vibrações e Ruído, pela Universidade Federal de Santa Catarina (1989) e Doutorado em Engenharia Mecânica, área Vibrações e Ruído, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002). É Professor Titular Aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é Coordenador do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação a Faculdade Vale do Cricaré. Consultor na área de Ruído Ambiental e Industrial. Avaliador do Sistema INEP/EMEC de IES e de Cursos. Tem experiência na área de Engenharia Mecânica e Engenharia Ambiental. Atua também na área de Educação, Educação Ambiental, Planejamento Educacional e Desenvolvimento Regional.



ISBN: 978-85-92647-83-4

DIÁLOGO  
EDITORIAL

